



Carlos André Nogueira Oliveira

Nº de Aluno: 17938

**Amor Parental (In)Condicional:
Estudo sobre a Influência da Perceção da Aceitação/Rejeição
Parental em Homossexuais, Lésbicas e Bissexuais**

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

Trabalho realizado sobre a orientação do Professor Doutor Francisco Luís
Baptista de Sá Machado e coorientação da Professora Doutora Ana Sofia
Antunes das Neves, docentes e investigadores no Instituto Superior da Maia

Novembro de 2012

AGRADECIMENTOS

O percurso ao longo deste último ano e a realização desta dissertação de mestrado não poderiam ter sido possíveis sem a intervenção, o auxílio, apoio e orientação das distintas pessoas que fazem parte dos meus diversos contextos de vida.

Antes de mais gostaria de deixar expresso o meu agradecimento ao Professor Doutor Francisco Machado, meu orientador, pela disponibilidade e atenção que me dedicou e sem as quais não seria possível alcançar este momento. Saliento também o alento que constantemente transmitiu, levando-me a acreditar cada vez mais nas minhas próprias capacidades. Igualmente gostaria de agradecer à minha coorientadora, a Professora Doutora Sofia Neves, pelos ensinamentos não só ao longo da realização deste estudo mas também de toda a formação, levando-me a ver o mundo de um forma diferente e no sentido da equidade para todos os seres humanos. Não menos relevante, gostaria de salientar a Professora Doutora Márcia Machado que inúmeras vezes se demonstrou disponível a ajudar e a responder às minhas questões sempre que necessitava.

À direção da ILGA e da *rede ex aequo* que demonstram genuína vontade de auxiliar e interesse por este trabalho, tendo o seu contributo na distribuição de questionários sido extremamente valioso.

Ao meu pai e à minha mãe por serem os principais responsáveis por eu aqui estar, a todos os níveis.

À minha irmã e ao meu irmão pois mesmo resmungando sempre se dispõem a ajudar-me em tudo que preciso.

À minha família K, pelo percurso ao longo destes 6 anos e pelo trabalho e entajuda que continuamos a partilhar, mesmo quando seguimos caminhos distintos.

A todos/as os/as meus/minhas restantes amigos/as e familiares que me acompanham nas alegrias e provações do dia-a-dia, cujos nomes são demasiados para mencionar mas que certamente se verão refletidos/as nestas palavras.

Por fim a TI, pois mesmo do outro lado do oceano a tua força continua a chegar até mim todos os dias e sem ela, tudo seria mais difícil...

Resumo

Atualmente, em Portugal e no mundo os temas relacionados com a orientação sexual têm-se apresentado com elevada frequência e polémica. Contudo, apesar das relações homossexuais serem tão antigas como a própria humanidade, continuam a estar envoltas em preconceitos e mitos sociais responsáveis pela marginalização de vários indivíduos, colocando-os frequentemente em desvantagem e potenciando a falta de segurança, equilíbrio e estabilidade (Venâncio, 2010).

A família e as figuras parentais, apresentam-se como o primeiro instrumento de socialização da maior parte dos sujeitos e têm um papel preponderante sobre a perspetiva com a qual cada indivíduo irá perceber o tema da orientação sexual. Na verdade, é no próprio meio familiar que muitos/as não-heterossexuais encontram o primeiro ambiente hostil face à sua orientação sexual e identidade (Pachankis, Goldfried & Ramrattan, 2010).

O presente estudo tem como objetivo averiguar se a percepção que homossexuais, lésbicas e bissexuais têm da aceitação/rejeição parental durante a infância se relaciona com a percepção da aceitação/rejeição parental aquando do *coming out*. Também se pretende verificar se a rejeição parental da orientação sexual, aquando da descoberta da mesma, pode conduzir os indivíduos a manifestarem futuramente alterações nas disposições da personalidade associadas ao desajustamento psicológico.

A amostra obtida continha 84 participantes de ambos os sexos que se percecionavam como homossexuais/lésbicas ou bissexuais. A partir dos resultados obtidos, foi possível concluir que a percepção de níveis elevados de rejeição parental durante a infância está relacionada com níveis igualmente altos de rejeição parental aquando do *coming out*. Verificou-se simultaneamente que as rejeições da figura paternal, perante a orientação sexual dos/as filhos/as não apresentam influência nas disposições da personalidade destes. Contudo, provou-se que a rejeição maternal na mesma situação acarreta graves consequências no desajustamento psicológico dos/as não-heterossexuais. Nomeadamente a nível da autoestima, da auto-adequação, da não-responsividade emocional e da instabilidade emocional.

Palavras-chave: Aceitação/rejeição Parental, orientação sexual, *coming out*, disposições da personalidade.

Abstract

Currently, in Portugal and in the world, the issues related to sexual orientation have been frequently presented with high controversy. However, despite the fact that homosexual relationships are as old as humanity itself, the subject remains shrouded in myths and prejudices responsible for the social marginalization of many individuals, often putting them at a disadvantage and enhancing their the lack of security, stability and balance (Venancio, 2010).

The family and more specifically the parental figures, are presented as the first instrument of socialization for most subjects and have a leading role on the perspective with which each individual will perceive this topic. Therefore, it is in their own family environment that many non-heterosexuals find the first hostile environment towards their sexual orientation and identity (Pachankis, Ramrattan & Goldfried, 2010).

The present study aims to investigate if the perception that homosexuals and bisexuals have of the parental acceptance/rejection during childhood is related to the perception of parental acceptance/rejection during their coming out. It is also pretended to check if the parental rejection towards their sexual orientation can lead them to express, in the future, problems in terms of the personality dispositions.

The sample contained 84 homosexual or bisexual participants. From the results, it was concluded that the perception of high levels of parental rejection in childhood is associated with equally high levels of parental rejection when their child's sexual orientation is reveled. It was also found that the father's rejection towards his son/daughter's sexual orientation had no influence on their personality dispositions. However, it was proved that maternal rejection in the same situation can originate grave psychological consequences in the non-heterosexual especially in their self-esteem, self-adequacy, emotional responsiveness and emotional stability.

Keywords: Parental Acceptance/rejection, sexual orientation, coming out, personality dispositions.

Resumen

En la actualidad, en Portugal y en el mundo, los problemas relacionados a la orientación sexual han sido presentados en medio de gran controversia. Sin embargo, a pesar del hecho de que las relaciones homosexuales son tan antiguas como la misma humanidad, el tema permanece rodeado de mitos y prejuicios responsables de la marginación social de muchos individuos, poniéndolos a menudo en desventaja y aumentando la falta de seguridad, estabilidad y balance (Venancio, 2010).

La familia y más específicamente las figuras paternas, son mostradas como el primer instrumento de socialización para la mayoría de individuos y tienen un rol primordial en la perspectiva en la que cada individuo percibirá el tema. Además, es en su propio entorno familiar donde muchos no-heterosexuales encuentran el primer ambiente hostil hacia su orientación sexual e identidad (Pachankis, Ramrattan & Goldfried, 2010).

El presente estudio se enfoca en investigar si la percepción que homosexuales y bissexuales tienen de la aceptación/rechazo de sus padres durante la infancia está relacionada con la percepción de aceptación/rechazo de sus padres al momento del *coming out*. También pretende verificar si el rechazo paternal hacia su sexualidad puede llevarlos a expresar, en el futuro, problemas psicológicos en relación con las disposiciones de la personalidad.

La muestra contenía 84 participantes homosexuales o bissexuales. De los resultados, se concluyó que la percepción, de altos niveles de rechazo de los padres en la infancia está asociado en igual medida a los altos niveles de rechazo en los padres cuando el niño revela su orientación sexual. También se determinó que el rechazo del padre hacia su hijo/hija por su orientación sexual no tenía influencia en su personalidad. Sin embargo, se comprobó que el rechazo de la madre en la misma situación puede originar consecuencias psicológicas graves en los no-heterosexuales especialmente en su autoestima, auto adaptación, capacidad de respuesta emocional y estabilidad emocional.

Palabras clave: Aceptación/rechazo parental, orientación sexual, *coming out*, disposiciones de la personalidad.

Índice

Introdução.....	1
Parte I – Enquadramento teórico	3
Capítulo 1 – Orientação sexual e Homofobia/Lesbofobia/Bifobia	3
1. Contextualização histórica e social da homossexualidade, do lesbianismo e da bissexualidade.....	3
2. Teorias explicativas da orientação sexual.....	7
3. Homofobia, lesbofobia e bifobia: contextualização histórica, social e conceptualização.....	9
Capítulo 2 – Teoria da aceitação-rejeição parental e <i>Coming out</i>	17
1. Teoria da aceitação/rejeição parental.....	17
2. <i>Coming out</i> e Aceitação/Rejeição Parental.....	19
2.1. Modelos explicativos do <i>Coming out</i>	19
2.2. - <i>Coming out</i> e aceitação-rejeição parental: evidências empíricas	22
Parte II - Método	26
1. Objetivos gerais do estudo.....	26
2. Problemas e hipóteses de Investigação.....	26
3. Procedimentos.....	28
4. Amostragem.....	28
5. Apresentação dos Instrumentos	29
5.1. Questionário de Aceitação/Rejeição Parental (PARQ)	29
5.2. Escala da Percepção da Rejeição Parental (PPRS).....	30
5.3. Questionário de Avaliação da Personalidade (PAQ).....	31
6. Apresentação de resultados.....	33
7. Discussão de resultados	41
Parte III - Conclusão.....	47
Referências	49

Introdução

Nos últimos anos, os fenómenos relacionados com a orientação sexual têm vindo a ser intensamente debatidos do ponto de vista científico, social e político, fazendo mesmo parte do discurso do senso comum. Contudo, a homossexualidade, o lesbianismo e a bissexualidade são conceitos que ainda acarretam consigo preconceitos e até hostilidade. Assim, conhecer esta realidade poderá ser o ponto de partida para combater, a problemática da homofobia, da lesbofobia e da bifobia (Rodrigues, 2010).

Sabe-se que estas formas de discriminação conduzem, com frequência, inúmeros/as jovens não-heterossexuais a experienciarem sentimentos de repressão, estigmatização e dificuldade de integração (Rodrigues, 2010). Além disso, habitualmente, as dificuldades de aceitação pessoal intensificam as sensações de inadequação e culpa, sendo o suicídio uma alternativa muitas vezes considerada por esta população. Na verdade, os estudos referem que o número de tentativas de suicídio dos/as jovens lésbicas, *gays* e bissexuais é duas a três vezes superiores ao dos/as heterossexuais (Espelage, Aragon, Brikett & Koenig, 2008; Ryan, Huebner, Diaz, & Sanchez, 2009). Deste modo, esclarecer a questão através da investigação do fenómeno da homofobia, lesbofobia e bifobia torna-se essencial na fomentação e criação de modelos de prevenção. Como tal, os/as psicólogos/as e outros/as profissionais de saúde apresentam-se como fundamentais para prestar apoio de uma forma eficaz, devendo estudar e abordar esta realidade de um ponto de vista científico e objetivo. Um outro fator a ter em conta é a família que, apesar de ter uma função de suporte primordial para o indivíduo acaba, muitas vezes, por ser a principal fonte de rejeição dos seus membros homossexuais, lésbicos e bissexuais, conduzindo os mesmos no sentido do isolamento social (Rodrigues, 2010).

A presente dissertação pretende analisar a perceção da rejeição/aceitação parental durante a infância, por parte de adultos/as homossexuais, lésbicas e bissexuais, relacionando-a com a perceção de aceitação/rejeição parental aquando da revelação da orientação sexual. Além disso, pretende-se verificar de que forma a última se relaciona com as disposições da personalidade associadas ao desajustamento psicológico segundo a *PARTheory* de Rohner (1986).

Este trabalho apresenta-se como inovador, especialmente em Portugal, uma vez que, apesar de existirem muitos trabalhos realizados no que toca à aceitação/rejeição parental, na generalidade, poucos se focam na conexão da mesma com a orientação

sexual dos/as filhos/as. Uma outra característica inovadora neste estudo é o facto de analisar separadamente a vertente materna e paterna.

A nível da organização estrutural, existe uma divisão em três partes principais. A Parte I engloba dois capítulos, estando o primeiro centrado essencialmente na conceptualização e contextualização histórica e social da homossexualidade, do lesbianismo e da bissexualidade e as suas teorias explicativas, sendo igualmente explorada a homofobia, a lesbofobia e a bifobia. A revisão teórica procede ao longo do segundo capítulo, focando-se este nas relações familiares e nas reações à notícia da não-heterossexualidade de um dos membros, relacionando esta problemática com as teorias da aceitação/rejeição parental. É igualmente abordado o processo do *coming out*, ou seja, do assumir da orientação sexual, tendo em conta as suas fases e implicações no quotidiano dos sujeitos.

A Parte II está reservada ao método, estando enunciados os objetivos, os problemas de investigação e as hipóteses que conduziram à planificação do presente trabalho. É também nesta parte que estão apresentados os procedimentos, a amostra e os instrumentos utilizados na realização do estudo empírico. Por fim, surgem os resultados assim com a discussão dos mesmos.

Na Parte III, é efetuada a conclusão, sendo discutidas as implicações do mesmo, confrontando os resultados com a literatura vigente e analisando o contributo dado para o conhecimento científico. É também realizada uma análise crítica a todo o procedimento evidenciando os pontos fortes e valorativos desta dissertação, assim como as suas fragilidades e o que poderia ser melhorado. Finalmente, é dado enfoque a alguns estudos futuros que poderiam ser realizados a partir das conclusões tiradas.

Parte I – Enquadramento teórico

Capítulo 1 - Orientação sexual e Homofobia/Lesbofobia/Bifobia

1. Contextualização histórica e social da homossexualidade, do lesbianismo e da bissexualidade

Inicialmente, de forma a contextualizar este estudo, torna-se importante explorar algumas definições. Assim, a orientação sexual apresenta-se como um conceito que indica qual o sexo pelo qual um indivíduo se sente física, sexual ou emocionalmente atraído (American Psychological Association, 2008). No que concerne às perspetivas essencialistas, muito próprias da investigação psicológica e psicossociológica, a sexualidade apresenta-se como uma realidade interna do indivíduo. Deste modo, a orientação sexual é vista como um atributo, algo que constitui o sujeito e uma das características do mesmo (Carneiro, 2009 citado em Oliveira, 2010). Correntemente, são consideradas três orientações sexuais principais. A heterossexualidade que se define como uma atração física, emocional e/ou sexual por indivíduos do sexo oposto; a homossexualidade que se define como uma atração física, emocional e/ou sexual por indivíduos do mesmo sexo e por fim; a bissexualidade que se define como uma atração física, emocional e/ou sexual por indivíduos de ambos os sexos. Os homossexuais masculinos são comumente definidos como *gays* e as homossexuais femininas como lésbicas (American Psychological Association, 2008, 2010; Frankowski, 2004).

Contudo, o termo homossexual é relativamente recente, tendo sido criado pelo médico Karoly Maria Benkert, apenas em 1869 (Toniette, 2006). Embora Benkert tenha sido o criador da terminologia correntemente utilizada, não foi o primeiro a debruçar-se sobre o tema. O alemão Karl Heinrich Ulrichs é atualmente considerado um pioneiro nos estudos sobre os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, tendo publicado vários trabalhos a partir de 1860, recorrendo ao conceito *uranismo*, como forma de caracterizar os homens que se sentiam atraídos por outros homens (Toniette, 2006).

Relacionamentos entre indivíduos do mesmo sexo estão registados em todas as épocas históricas até à atualidade. Na verdade, estudos antropológicos detalham relações e rituais homossexuais na humanidade desde há mais de dez mil anos (Spencer, 1999). Além disso, os significados e valores atribuídos à sexualidade, e consequentemente à homossexualidade, ao lesbianismo e à bissexualidade, têm vindo a

alterar-se ao longo dos séculos, não sendo também estanques de cultura para cultura (Naphy, 2004; Toniette, 2006). Em várias civilizações antigas da África, Ásia, Médio Oriente e América do Sul, os relacionamentos sexuais entre sujeitos do mesmo sexo eram vistos com naturalidade, fazendo parte da estrutura social. Em muitos casos, estas ligações eram mesmo encorajadas como forma de fortalecer as relações emocionais entre os indivíduos ou funcionando como tradições e rituais de passagem (Naphy, 2004).

A mitologia grega e, mais tarde, a romana, estão repletas de casos onde se estabeleciam interações amorosas e sexuais entre personalidades do mesmo sexo. Alguns exemplos de relevo são Zeus e Ganimedes, Hercules e Filoctetes e também Nestor, Adónis e Jasão (Spencer, 1999). Além disso, as relações entre dois sujeitos do sexo masculino, integravam o próprio sistema educativo da altura, fazendo parte do trajeto de transição da infância para a vida adulta, ao mesmo tempo que permitiam a passagem de valores aristocráticos de geração em geração. Assim, durante a adolescência, os rapazes eram entregues a um homem mais velho, minuciosamente escolhido pela família, que ficava encarregue da instrução do mesmo. Além do treino teórico e militar, o rapaz submetia-se de forma sexual ao seu mestre até à idade adulta, onde passava a ser considerado um homem e um cidadão respeitável. Posteriormente, estava ele próprio preparado para ter um aprendiz e reiniciar o ciclo. Importa sublinhar que a totalidade da relação era do inteiro conhecimento da família do rapaz e da eventual esposa do mestre. Além do mais, não existia qualquer controlo ou repressão da sexualidade no que toca ao desejo afetivo/sexual para qualquer um dos sexos. Contudo, numa cultura onde reinava a desigualdade de géneros, aqueles que de algum modo adquiriam nas suas relações um papel considerado mais feminino eram vistos como socialmente inferiores, categoria onde se inseriam as mulheres, os/as escravos/as e também os jovens (Crompton, 2003).

No que toca ao regime militar, a homossexualidade também era incentivada desde que entre indivíduos de diferentes estatutos hierárquicos. Segundo os registos, um dos exércitos mais temido e vitorioso de Thebas era constituído por 150 casais de homens. De acordo com a teoria regente, o exército tinha um poder superior aos restantes devido à ligação afetiva que se estabelecia em cada um dos casais, fazendo com que os mesmos lutassem mais ferverosamente para se defenderem (Ludwig, 2002).

Situações semelhantes pautam a história de diversas outras civilizações como a indiana, cuja mitologia antiga sempre esteve relacionada com uma enorme abertura sexual. Os/as deuses/as indianos/as relacionavam-se independentemente dos seus sexos sendo alguns hermafroditas ou travestis, tendo outros a capacidade de mudar de sexo. Esta visão influenciou profundamente a população da altura sendo o sexo percecionado como uma atividade recreativa que promovia o poder e o prazer entre as pessoas de estatuto semelhante. O sexo biológico não era relevante durante o ato sexual, a valoração encontrava-se no misticismo e os/as indianos/as acreditavam poder compreender os enigmas dos/as deuses/as através dos mais intensos orgasmos. A china antiga também se pautava pela naturalidade com que aceitava as conexões entre homens tendo os imperadores direito a selecionar vários servos favoritos com quem mantinham relações sexuais. Estas posições eram ambicionadas por muitos pois, os escolhidos dos imperadores, eram tratados com o maior prestígio e requinte (Spencer, 1999).

Importa ainda salientar a cultura japonesa, que sempre esteve marcada pela aceitação cultural dos relacionamentos homossexuais, tendo o fenómeno sido constantemente abordado com relativa naturalidade e figurando frequentemente na literatura. Durante os longos períodos de treino dos samurais, a comunidade feminina estava ausente pelo que as relações homossexuais eram incentivadas como forma de fortalecer os laços entre os guerreiros, funcionando simultaneamente como uma tutela e um rito de passagem para os novos recrutas (Leupp, 1999; Crompton, 2003).

Destaca-se também que a grande maioria dos registos reportam-se à homossexualidade masculina sendo as relações femininas menos retratadas. Apenas no século VI surge na ilha de Lesbos as primeiras poesias alusivas aos relacionamentos amorosos entre mulheres, tendo por esta razão sido adotado mais tarde o termo lésbica (Spencer, 1999). No entanto, este é igualmente um termo recente, tendo apenas sido aplicado a partir do início do século XX. Posteriormente, existem diversos registos, principalmente a partir do século XVIII, alusivos a relações muito próximas entre mulheres, apelidadas de “Amizades Românticas”. Estas amizades eram vistas com naturalidade tendo as demonstrações de afeto sempre sido aceites socialmente, possivelmente porque as mesmas eram percecionadas como se não tivessem uma conotação sexual (Stanley, 1992).

Com a introdução da religião católica na civilizações e com a expansão global da mesma, a forma de encarar socialmente a homossexualidade, o lesbianismo e a

bissexualidade alterou-se profundamente até aos dias de hoje. Como consequência qualquer comportamento sexual que não conduzisse à procriação passou a ostentar uma conotação negativa tendo a homossexualidade sido punida e criminalizada ao longo dos últimos séculos do ponto de vista social, religioso e político (Naphy, 2004; Spencer, 1999).

Atualmente a situação tem vindo novamente a alterar-se sendo o final da Segunda Guerra Mundial um ponto de viragem marcante. É nesta altura que os países industrializados, maioritariamente regidos pela democracia, iniciam um longo processo de reivindicação da liberdade sexual, da igualdade de género e da redefinição dos arranjos familiares. É a partir destes pressupostos que lentamente, até aos dias correntes, a homossexualidade, o lesbianismo e a bissexualidade têm imergido no plano médico e científico através da despatologização e no plano jurídico através dos direitos civis e da proteção contra a discriminação (Almeida, 2010). Em Portugal, apenas em 1982, alguns anos após o final da ditadura, é retirada a punição da homossexualidade do Código Penal, eliminando penalizações legais que passavam pelo internamento compulsivo, os trabalhos forçados, a liberdade vigiada e a interdição profissional. Posteriormente, em meados da década de 90 surgem as primeiras associações e organizações portuguesas de carácter LGBT (Lésbica, Gay, Bissexual e Transgénero) com o principal objetivo de implementar a igualdade de direitos civis e sociais para a comunidade e a luta contra a discriminação (Almeida, 2010). Na sequência destas reivindicações, assistiu-se em Portugal na última década a vitais alterações no que respeita aos direitos civis da comunidade LGBT. Exemplos de relevo passam pela aprovação das uniões de facto entre pessoas do mesmo sexo em 2001, a inclusão da orientação sexual no princípio da igualdade da Constituição Portuguesa em 2004 e mais recentemente a aprovação do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo (Gato, Leme & Leme, 2010).

Do ponto de vista estatístico, apesar dos diversos estudos realizados, a percentagem de indivíduos não heterossexuais é de difícil determinação, não existindo uma percentagem aplicada diretamente à população portuguesa. Um estudo realizado no Chile com 232 adolescentes, entre os 16 e os 18 anos, obteve um valor de 3,06% de não-heterossexuais masculinos e 9,09% de não-heterossexuais femininos (Conejero & Almonte, 2009). Já um estudo sobre saúde pública efetuado na Escócia verificou que a percentagem de indivíduos que se identificava como não-heterossexuais nessa população encontrava-se entre os 1,1% e os 2,4% (Public Health Information for

Scotland, 2010). Outros estudos norte-americanos parecem ser consensuais ao indicar que a percentagem de não-heterossexuais se encontrará entre os 3% e os 10% da população (Friedman & Downey, 1994, Stronski & Remafedi, 1998 citados em Frankowski, 2004).

Esta dificuldade em determinar a prevalência pode estar conectada não só com o medo e a estigmatização que ainda envolve o fenómeno, mas também com o facto da orientação sexual não estar exclusivamente associada com o comportamento ou a atividade sexual. Ou seja, nos seres humanos, a orientação sexual não se relaciona diretamente com as atividades sexuais que um indivíduo experienciou, independentemente das mesmas terem sido com pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto. Deste modo, é mais importante a forma como o próprio indivíduo percebe os seus afetos e sensações (Frankowski, 2004). Frequentemente, sujeitos que se percebem como heterossexuais, assumem ter experienciado relações sexuais com pessoas do mesmo sexo, principalmente na adolescência. Por outro lado, também é comum homossexuais e lésbicas relatarem experiências passadas com pessoas do sexo oposto. Além disso, muitos/as jovens e adultos/as são capazes de se perceberem como heterossexuais/não-heterossexuais mesmo antes de qualquer atividade sexual (Frankowski, 2004).

2. Teorias explicativas da orientação sexual

Atualmente são diversas as teorias que procuram explicar quais as circunstâncias que influenciam a orientação sexual e, embora ainda não existam certezas cientificamente comprovadas, os estudos apontam para uma combinação de fatores genéticos, hormonais e ambientais. Como tal, esta não é uma escolha do indivíduo mas sim algo determinado sem a sua influência (Frankowski, 2004; Perrin, 2002).

Segundo Weeks (2003 citado em Oliveira, 2010), a psicanálise terá apresentado os primeiros modelos que procuravam explicar a orientação sexual. Tendo em conta estes modelos clássicos, a atração por pessoas do mesmo sexo surgia como resultado de um bloqueio numa fase anterior do desenvolvimento psicosexual que não coadunava com a ordem sexual estabelecida pelo complexo de Édipo. Mais tarde, conforme é referido por Garton (2004), os relatórios de Alfred Kinsey apresentaram-se como importantes marcos no estudo da sexualidade. Kinsey demonstrou com os seus relatórios que, muitas práticas sexuais eram mais comuns do que o esperado pela

sociedade da década de 50. O seu pensamento vigente, consistia na crença de uma bissexualidade humana com cambiantes individuais à qual a cultura e a sociedade impunham limites.

Na psicologia, os modelos psicodinâmicos recorriam às experiências precoces dos sujeitos, às relações familiares e ao desenvolvimento psicossocial para explicar as diferentes orientações sexuais. Já os modelos comportamentalistas procuravam uma associação entre os estímulos homoeróticos e sensações de prazer para explicar a procura de relacionamentos homossexuais e lésbicos. Contudo, atualmente, estes modelos não apresentam a necessária sustentação empírica e fundamentação epistemológica (Moita, 2001 citado em Oliveira, 2010).

Voltados para as explicações mais biológicas surgem as teorias assentes nos efeitos hormonais durante o desenvolvimento pré-natal. Segundo estes trabalhos os níveis de androgénios e estrogénios durante este período podem ter influência na formação futura da orientação sexual contudo, os resultados são contraditórios e fruto de uma profunda falta de consenso na comunidade científica (Moita, 2001 citado em Oliveira, 2010).

De acordo com os trabalhos de Stronski e Remafedi (1998 citados em Frankswoski, 2004), as teorias biológicas e genéticas parecem apresentar um forte suporte empírico. Estes estudos apontam para uma concordância estatisticamente significativa no que diz respeito à orientação sexual de gémeos monozigóticos ou seja de irmãos que têm o mesmo código genético. Esta conformidade torna-se ainda mais evidente principalmente quando comparados com outros irmãos gémeos dizigóticos, isto é que não apresentam o mesmo código genético e que, segundo os mesmos trabalhos, não ostentam concordância estatisticamente significativa no que toca à orientação sexual. Além disso, estes estudos afirmam que é possível encontrar algumas diferenças morfológicas nas áreas cerebrais voltadas para a sexualidade quando comparados os cérebros de pessoas homossexuais/lésbicas e heterossexuais (Stronski & Remafedi, 1998 citados em Frankswoski, 2004).

Apesar da orientação sexual ser um termo mais aplicado ao ser humano, está comprovado que os comportamentos homossexuais estão presentes e já foram cientificamente observados em centenas de espécies animais. A grande maioria, no entanto, alterna entre relações com machos e fêmeas sendo os casos de comportamento homossexual exclusivo, relativamente raros (Poiani, 2010). Os/as primatas são ótimos

exemplos desta situação. Os chimpanzés e os bonbos machos apenas mantêm relações sexuais com as fêmeas quando estas estão na época do cio. Durante o restante tempo, direcionam a sua energia sexual para atividades como a masturbação e o exibicionismo sexual. Além destes, os comportamentos homossexuais são muito comuns durante estes períodos. É frequente os machos mais jovens procurarem adultos hierarquicamente superiores trocando relacionamentos sexuais por proteção. Também as fêmeas por vezes recusam os indivíduos do sexo oposto preferindo o contacto sexual com outras fêmeas. (Spencer, 1999).

Efetivamente muitos dos animais adotam comportamentos homossexuais principalmente quando não existem sujeitos do sexo oposto disponíveis, embora ocorram exceções (Poiani, 2010). No caso dos/as pinguins imperadores, frequentemente os casais são constituídos para toda a vida numa relação monogâmica, e podem ser entre sujeitos do mesmo sexo ou de sexo diferente. Estes casais formam-se independentemente da quantidade de machos e fêmeas na comunidade e regularmente, os casais do mesmo sexo demonstram rituais de acasalamento idênticos aos de sexo diferente (Fisher, 2011; Pincemy, Dobson & Jouventin, 2010). O fenómeno tem sido amplamente estudado em jardins zoológicos e verifica-se que estes pinguins não demonstram interesse por parceiros do sexo oposto mesmo quando separados do/ companheiro/a original. Em Nova Iorque um casal de pinguins machos foi observado a tentar chocar uma pedra. Mais tarde foi-lhe atribuído um ovo fertilizado artificialmente e o casal não só demonstrou excelência em chocar o mesmo como também na criação da cria até à vida adulta (Kuntzman, 2005 citado em Fisher, 2011).

3. Homofobia, lesbofobia e bifobia: contextualização histórica, social e conceptualização

A grande maioria das civilizações da antiguidade não apresentava quaisquer medidas repressoras ou penalizadoras perante a homossexualidade, o lesbianismo ou a bissexualidade. Pelo contrário, estas eram formas de relacionamento consideradas como positivas e frequentemente celebradas. Contudo, a situação alterou-se até aos dias correntes, tendo o contacto amoroso e sexual entre indivíduos do mesmo sexo começado a ser percecionado como errado, amoral e motivo de discriminação ou punição (Venâncio, 2010). Assim, a homofobia, a lesbofobia e bifobia manifestam-se como um medo irracional e um conjunto de sentimentos negativos em relação a pessoas

homossexuais, lésbicas ou bissexuais. Estas atitudes exteriorizam-se posteriormente sob a forma de desprezo, desconforto, antipatia e aversão que, por sua vez, vão gerar o preconceito e a hostilidade para com estes grupos de pessoas (Adams, Wright & Lohr, 1996).

Atualmente supõe-se que a homofobia, lesbofobia e bifobia que conhecemos nos dias correntes, tenham surgido principalmente como fruto da interpretação de obras cristãs, como a Bíblia, e tendo por base valores religiosos (Naphy, 2004). Assim, estas formas de discriminação apresentam-se como relativamente recentes na história da humanidade, tendo-se desenvolvido principalmente ao longo dos últimos séculos. Simultaneamente, o domínio geográfico europeu do século XIX, profundamente marcado pela religião cristã, terá sido o principal motor para alastrar a homofobia pelo mundo. Eventualmente, as relações entre pessoas do mesmo sexo passam a ser vistas como um pecado e algo que deve ser excluído da sociedade (Naphy, 2004).

Na época medieval, com a introdução da reforma puritanista, surgiram as noções de bem e mal absolutos, sendo que qualquer homem que mantivesse um contacto sexual com outro homem era considerado um criminoso. Ao longo deste período, um homossexual, por não apresentar um comportamento que conduzia à reprodução, era colocado no mesmo nível de um assassino, um herege ou um traidor, sendo punido de forma equivalente (Spencer, 1999).

Ao longo dos séculos XVII e XVIII, surge o movimento Renascentista, pautado pelo emergir das explicações científicas que aos poucos se emancipavam das explicações sobre a vida enraizadas pela religião. Nesta altura, o médico começa a ser visualizado como a autoridade orientadora dos comportamentos adequados à saúde e à sexualidade. Contudo, a homossexualidade, o lesbianismo e a bissexualidade continuavam a ser considerados desvios, doenças e comportamentos amorais. Apenas os relacionamentos que conduziam à procriação eram rotulados como “normais”, sendo todos os restantes vistos como perversões (Farias & Maia, 2007 citados em Farias, 2010). Em 1886 foi criado o termo de diagnóstico “homossexualismo”, por Richard von Krafft-Ebing, um médico católico que defendia acerrimamente que todos os relacionamentos sexuais deviam regular-se pelo objetivo da reprodução da espécie humana e pelos ideais de Deus. Segundo o médico, esta forma de comportamento sexual estava relacionada com o travestismo, sendo um sinal de degradação do ser humano (Toniette, 2006).

Como consequência do domínio alemão, na primeira metade do século XX, muitos foram os grupos e minorias perseguidas com o objetivo de erradicar todos os considerados impuros pela ideologia Nazi. Assim, qualquer indivíduo que fosse acusado de atos homossexuais tinha como punição o encarceramento num campo de concentração (Boden, 2011). Estes sujeitos eram catalogados com um triângulo rosa que ostentavam obrigatoriamente, de forma a serem diferenciados dos restantes prisioneiros. Além disso, eram usualmente constrangidos a níveis superiores de crueldade e punição sendo forçados a desempenhar os trabalhos mais difíceis e perigosos. Estes prisioneiros apresentavam a maior taxa de mortalidade de entre todos os distintos grupos de cativos, tornando-se frequentemente vítimas do preconceito e discriminação, não só por parte dos guardas, mas também pelos/as outros/as detidos/as (Boden, 2011).

Com o final da Segunda Guerra Mundial, o Movimento dos Direitos dos Homossexuais iniciou a sua estruturação na Europa e nos Estados Unidos, tendo como principal objetivo a descriminalização da homossexualidade e a implementação de direitos civis que regulamentassem e reconhecessem a comunidade. Até então, não existia qualquer associação de apoio ou acolhimento a esta população, nem redes sociais oficiais. Além disso, os poucos locais que aceitavam a presença assumida de não-heterossexuais eram difíceis de encontrar, muitas vezes ilegais, tendo a maioria dos membros da comunidade receio de os frequentar (Fry & Macrae, 1991 citados em Toniette, 2006; Bérubé, D’Emilio & Freedman, 1990).

Um dos maiores pontos de viragem verificou-se na noite de 28 de junho de 1969, uma sexta-feira, em *Stonewall Inn*, um bar frequentado pela comunidade gay, lésbica, bissexual e transexual de Nova Iorque. Nessa noite, a polícia invadiu o bar alegando a violação das leis reguladoras do consumo de bebidas alcoólicas. Sentindo-se desrespeitados/as por alguns dos comportamentos das forças policiais, os/as frequentadores/as do bar ripostaram num confronto que durou todo o fim-de-semana (Fry & Macrae, 1991 citados em Toniette, 2006; Bérubé, D’Emilio & Freedman, 1990). Consequentemente, como forma de celebrar este acontecimento, que se tornou um marco da luta contra a homofobia e a discriminação, um ano depois na mesma cidade, é efetuada a primeira parada do *Gay Pride* (Orgulho Gay). Este tornou-se o primeiro movimento público em prol dos direitos LGBT e como tal, tem vindo a ser reproduzindo em vários países do mundo no sentido de dar visibilidade a esta comunidade e às suas causas (Berutti, 2002 citado em Rodrigues-Júnior, 2008).

Apesar da sua longa história, o conceito de homofobia emerge para o público apenas no final da década de 60, tendo sido criado pelo psicólogo George Weinberg como forma de classificar o medo e o desconforto perante pessoas não-heterossexuais (Herek, 2004). Esta fobia, segundo o autor, tinha por base crenças religiosas, não científicas, e que muitas vezes turvavam a visão de outros profissionais da psicologia da altura. Assim, mesmo tendo uma formação académica que colocava a homossexualidade, o lesbianismo e a bissexualidade como patologias mentais, Weinberg sempre discordou destas conceções. O conceito criado passou, então, a ser alvo de estudo e controvérsia, estando intimamente relacionado com a discriminação e a intolerância, dando uma nova visibilidade à presença da homossexualidade na sociedade (Herek, 2004). Pouco depois, em 1973, a *American Psychiatric Association* votou pela retirada da homossexualidade do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM), declarando-a como uma orientação sexual sem qualquer associação a psicopatologia. A mesma figurava como uma doença mental desde a primeira edição do DSM, em 1952, e a sua retirada marcou uma profunda mudança na forma como passou a ser percecionada pela medicina, pelos/as profissionais de saúde mental e pelas ciências comportamentais (Herek, 2004). Simultaneamente o termo “homossexualismo” deixou de ser considerado cientificamente correto pois era alusivo a formas de doença mental, tendo sido substituído por homossexualidade (Toniette, 2006).

Apesar desta alteração, durante alguns anos ainda foi permitido a médicos/as e psicólogos/as iniciarem as mais variadas terapias com o intuito de alterar a orientação sexual dos/as pacientes. Esta política foi apenas abolida em 1994, passando a ser considerada como antiética. Alguns estudos comprovam também que, diversos/as profissionais de saúde ainda encaram os/as pacientes que se identificam como não-heterossexuais com algum preconceito, marcado principalmente pelo embaraço, desconforto, desmedida curiosidade ou mesmo hostilidade. Além disso, em vários países/situações, o/a companheiro/a quando do mesmo sexo, perde o direito às visitas hospitalares, ao acompanhamento na ambulância e ao acesso ao estado de saúde do/a outro/a (Brotman, Jalbert, Rowe & Ryan, 2002 citados em Venâncio, 2010). Em Portugal, segundo um estudo de Moita (2001), existem profissionais da área da saúde que ainda encaram a não-heterossexualidade como um défice, condenando-a, mesmo que nem sempre de uma forma explícita. Também destacada pelo mesmo trabalho, está a ausência de um discurso coeso que é, no entanto, frequentemente pautado por

ideologias não comprovadas e não consensuais na comunidade científica. Assim, origina-se um preconceito muitas vezes mascarado por um discurso falsamente científico dentro da comunidade clínica.

Intimamente relacionado com a homofobia, surge o conceito de heterossexismo, que se caracteriza pela crença de que a heterossexualidade é a forma perfeita de funcionamento psicológico sendo “superior” e “mais natural” que às restantes orientações sexuais. O heterossexismo pode marcar-se também pela crença e pelo pressuposto de que todas as pessoas são heterossexuais, negligenciando a existência de indivíduos homossexuais e bissexuais (Herek, 1990). Importa ainda salientar o fenómeno da heterossexualidade compulsória que, de forma subtil, pauta os discursos da sociedade moderna. Como tal, este pressuposto, destaca uma matriz heterossexual que vincula uma valência estanque e hierarquizada no respeitante ao sexo, ao género e à sexualidade que forcem determinados modelos de relacionamento com uma base desvalorizadora das condutas ditas “femininas” (Butler, 1990).

Nos dias correntes, muitos países instituem leis que protegem e regulam os direitos dos seus cidadãos independentemente da orientação sexual. Contudo, a grande maioria ainda não tem leis igualitárias para homossexuais/lésbicas e heterossexuais havendo países que criminalizam as relações entre pessoas do mesmo sexo (Lacerda, Pereira & Camino, 2002). No que toca ao público em geral, para alguns/mas, persiste ainda a ideia de que os homossexuais, as lésbicas e os bissexuais são pessoas desajustadas ou mesmo doentes e imorais. Para outros indivíduos, a não-heterossexualidade é vista como uma opção de vida embora esteja comprovado que a orientação sexual não pode ser controlada ou alterada pela livre vontade do sujeito (Farias, 2010). Verifica-se ainda que a homofobia e o desconforto perante a presença de um homossexual masculino estão também muito baseados na associação errónea com o Vírus da Imunodeficiência Humana (VIH). Algumas camadas da população continuam ainda a acreditar que a comunidade homossexual é mais propícia a infeções sexualmente transmissíveis e que podem mesmo infetar alguém através do contacto social (Hereck & Capitanio, 1999 citados em Baltezare, 2006).

Os papéis de género adquirem também uma relevância primordial na estimulação da homofobia principalmente quando a inflexibilidade da heterossexualidade hegemonia visa os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo como desafiantes da padronização estanque dos comportamentos ditos “masculinos”

ou “femininos” (Oiveira, 2011; Butler, 1990). Visando o sexo masculino, existe uma conduta esperada socialmente, extremamente rígida no que toca ao comportamento, à postura e à aparência dos homens, que se associa à virilidade destes. Quando algum dos parâmetros desta conduta é quebrada o indivíduo torna-se alvo de discriminação e de inferiorização. Apesar da rutura dos papéis ditos como “femininos” não ser encarada com a mesma severidade, as lésbicas também podem ser vítimas desta discriminação devido a uma perceção social de quebra de valores tradicionais que ainda se associam às mulheres (Kite & Whitley, 1996 citados em Baltezare, 2006).

Segundo um estudo realizado por Lacerda, Pereira & Camino (2002), numa população universitária do Brasil, comprovou-se que três quartos dos/as participantes apresentavam alguns índices de preconceito perante a comunidade homossexual. No que toca à realidade portuguesa os índices de discriminação com base na orientação sexual apresentam-se também elevados. Num estudo igualmente centrado na população universitária, mas em Portugal, verificou-se que os indivíduos do sexo masculino apresentavam uma maior incidência de preconceitos para com as questões relacionadas com a não-heterossexualidade. Além disso, os participantes que não conheciam pessoalmente nenhuma pessoa *gay*, lésbica ou bissexual demonstravam igualmente mais preconceito para com a comunidade (Gato & Fontaine, 2011). Em comparação com a média europeia, os/as portugueses/as afirmam sentir-se menos à vontade com a ideia de ter um/a vizinho/a ou um amigo/a homossexual/lésbica (Eurobarómetro, 2008 citado em Gato & Fontaine, 2010). Adicionalmente, apenas 19% concorda com a adoção de crianças por casais do mesmo sexo estando a média europeia situada nos 32% (Eurobarómetro, 2007 citado em Gato & Fontaine, 2010).

Todos estes fatores influenciam profundamente a construção da família. Só muito recentemente e em poucos países, a uniões matrimoniais civis entre pessoas do mesmo sexo são reconhecidas pela lei, tendo a Holanda sido pioneira, no ano 2000 e tendo Portugal seguido o mesmo procedimento em 2010 (Biblarz & Savci, 2010; Gato, Leme & Leme, 2010).

Contrariamente, em diversos outros locais do mundo, os mais variados privilégios e direitos sociais continuam a ser negados a estes casais e, mesmo nos países onde existe igualdade de direitos civis, continua a subsistir alguma oposição social, religiosa e política por parte das mais diversas individualidades/coletividades (Biblarz & Savci, 2010).

Um outro contexto de potencial discriminação, cuja análise se apresenta como indispensável, é o do trabalho. Sabe-se que inúmeros grupos sociais são afetados discriminatoriamente no contexto laboral. Mulheres, indivíduos com *handicaps*, assim como as chamadas *minorias* étnicas, religiosas e sexuais têm vindo a reportar dificuldades de integração no mundo do trabalho e valores salariais mais reduzidos que os restantes trabalhadores (Weichselbaumer, 2003). Além disso, a discriminação também pode estar presente no que toca à contratação, promoção e despedimento destes/as operários/as. No que respeita à comunidade *gay* e *lésbica*, os estudos indicam valores entre 16% a 46%, no que toca à percepção de discriminação pela orientação sexual no local de trabalho. Por estas razões, muitos não-heterossexuais preferem não revelar a sua orientação sexual como forma de evitar o *mobbing* e as possíveis marginalizações e desvantagens laborais (Weichselbaumer, 2003).

Em muitos países é vigente a proibição do acesso ao serviço militar a qualquer cidadão que se identifique como não-heterossexual. Nos estados Unidos de América, no início do século XX, qualquer candidato que apresentasse algum traço ou postura mais efeminada era automaticamente excluído (Bérubé, D’Emilio & Freedman, 1990). Além disso, o exército dispunha de psiquiatras que tinham como um dos objetivos detetar e inibir o alistamento deste grupo. Entre os vários métodos utilizados, constava um questionário sobre os gostos pessoais dos recrutas, sendo que quem seleccionasse um particular interesse por decoração de interiores, dança ou moda era imediatamente considerado como inapropriado para o serviço militar pois, de acordo com os avaliadores, teria graves problemas de integração e dificultaria a coesão e camaradagem militar (Bérubé, D’Emilio & Freedman, 1990). Mais tarde, durante vários anos, a situação foi regulamentada pelas leis do “*Don’t Ask, Don’t Tell*”. Esta legislação permitia aos *gays*, *lésbicas* e *bissexuais* prestarem serviço militar desde que a sua orientação sexual não fosse revelada ou descoberta dentro da instituição. Caso esta condição fosse quebrada era legal proceder à suspensão imediata e subsequente despedimento do/a soldado em questão. De acordo com os/as defensores/as desta lei, a presença de um elemento homossexual, *lésbica* ou *bissexual* num pelotão interferiria com a coesão e eficácia dos serviços militares, embora não houvesse qualquer prova empírica (Belkin, 2003).

Por outro lado, também os/as professores/as pertencentes à comunidade LGBT, enfrentam dificuldades quando a sua vida pessoal é exposta no local de trabalho (Braun

Amor Parental (In)Condicional:

Estudo sobre a Influência da Perceção da Aceitação/Rejeição Parental em Homossexuais, Lésbicas e Bissexuais

& Clarke, 2009). Sendo um tema de elevada controvérsia social, os/as docentes cuja não-heterossexualidade é conhecida enfrentam, frequentemente, problemas por parte de colegas, alunos/as e encarregados/as de educação, vendo-se por vezes impelidos/as a demitirem-se (Braun & Clarke, 2009).

Além disso, a homofobia apresenta-se igualmente no contexto escolar sobre a forma de *bullying*. Estima-se que 20% da comunidade lésbica e 45% da população *gay* tenha sido vítima de violência verbal e/ou física em algum momento do seu percurso académico apresentando como tal, um elevado risco de abandono escolar (Russell, Franz & Driscoll, 2001 citados em Frankowski, 2004).

Intimamente relacionado com as questões da discriminação, estão os crimes de ódio que surgem como transgressões fundamentadas pelo preconceito e cujas vítimas são atacadas por pertencerem a um determinado grupo ou simplesmente por serem percecionadas como tal (Herek, 2008). Nestas situações, o ataque é efetuado não só com a intenção de ferir a vítima mas também de transmitir uma mensagem fomentadora de medo a todo o grupo relacionado. A grande maioria destes crimes são motivados por questões de discriminação relacionada com a religião, a etnia, a nacionalidade, o sexo e a orientação sexual. Num estudo com 662 participantes não-heterossexuais, 20% dos/as mesmos/as confirmaram já ter sido vítima desta forma de violência tendo os indivíduos do sexo masculino apresentado maior prevalência do fenómeno (Herek, 2008).

Capítulo 2 - Teoria da aceitação-rejeição parental e *Coming out*

1. Teoria da Aceitação/Rejeição Parental

Atualmente existem várias configurações e definições de família como forma de abranger as novas relações que se estabelecem na sociedade moderna, no entanto, é um conceito presente em todas as culturas. Assim sendo, não existe uma configuração dita ideal uma vez que, são inúmeras as combinações possíveis: família tradicional, recasada, monoparental, homossexual, alargada, entre várias outras (Straton, 2003 citado em Dessen & Polonia, 2007).

A família é, regra geral, o primeiro ambiente de socialização dos indivíduos, estando ela própria moldada e influenciada quer pela cultura em que se insere, quer por cada novo elemento que a constitui. Assim sendo, a família tem a função de assegurar segurança, bem-estar físico e psicológico, suporte emocional e estabilidade a todos os constituintes, servindo igualmente como via de transmissão das crenças, valores e significados da sociedade para os seus membros novos (Dessen & Polonia, 2007; Amazonas, Damasceno, Terto & Silva, 2003). É precisamente neste contexto que os novos membros absorvem os primeiros preconceitos e estereótipos frequentemente centrados em questões homofóbicas e com uma base heterossexista. Como consequência, estes valores são reproduzidos por alguns/mas posteriormente e alimentam a sensações de culpa e de isolamento dos/as membros não-heterossexuais (Dessen & Polonia, 2007; Herek, 1990; Rodrigues, 2010).

Dentro da família nuclear, os/as pais/mães adquirem um papel preponderante para os filhos/as na formação da personalidade, do autoconceito, da construção do indivíduo e da sua interação com o mundo social. Contudo, se por um lado uma boa vinculação e interação entre pais/mães e filhos/as tem efeitos benéficos, figuras parentais com atitudes incongruentes, abusivas e que estimulam a insatisfação familiar e o stress tendem a gerar nas crianças/adolescentes dificuldades de ajustamento e de integração social (Dessen & Polonia, 2007). Deste modo, é frequente que as relações entre o/a cuidador/a e a criança influenciem as restantes relações interpessoais, como por exemplo na escola e no grupo de pares (Booth, Rubin & Rose-Krasnor, 1998).

Segundo Rohner (2004) a construção do ser humano tem por base a família. Primeiramente estão presentes influências genéticas, mas o contexto sociocultural onde o indivíduo cresce e vive também apresenta um papel preponderante. Assim, a

PARTheory apresenta-se como uma perspectiva ecológica cujo objetivo é estudar a aceitação e a rejeição nos relacionamentos interpessoais, sendo o comportamento dos indivíduos gerado em função da interação entre o *self*, o contexto e todos/as os/as que o/a rodeiam.

Muitas das pesquisas sobre a *PARTheory* são realizadas em torno do fenómeno da aceitação/rejeição parental e da importância que o mesmo tem para o desenvolvimento emocional e social da criança. Importa salientar que estes estudos têm demonstrado que a percepção da rejeição parental se apresenta como relativamente universal, manifestando-se consequências semelhantes em crianças independentemente da cultura, idade, sexo ou etnia (Rohner, Khaleque & Cournoyer, 2011). Os autores definem a existência de uma escala, de acordo com a aceitação/rejeição parental, sendo que os resultados refletem apenas a percepção que os sujeitos têm na relação e não necessariamente a realidade. Num dos extremos do *continuum* situa-se a aceitação parental, pautada pela percepção de uma série de sentimentos positivos e no extremo oposto da mesma escala a percepção de comportamentos de rejeição (Rohner, Khaleque & Cournoyer, 2011). A teoria refere também que os/as pais/mães podem expressar a sua aceitação ou rejeição através de quatro dimensões principais. A primeira refere-se ao **carinho** que pode ser manifestado de forma física ou verbal, através de gestos e palavras afetuosas. Estando este ausente a relação tende a ser demarcada por frieza e ausência de demonstração de afeto. A segunda dimensão corresponde à **hostilidade/agressividade**, definida pela percepção de sentimentos negativos como raiva, ressentimento e intensões de magoar fisicamente o/a filho/a, através de comportamentos como bater, empurrar, pontapear ou ferir. Abrangida nesta componente estão também os maus tratos psicológicos e verbais percebidos, que incluem os insultos, os comentários cruéis, o sarcasmo, entre outros. Seguidamente surge a **indiferença/negligência** que reportam para a ausência de preocupação e interesse para com o indivíduo. Por fim, a última dimensão, a **rejeição indiferenciada**, refere-se à transmissão de indícios que levam a criança a acreditar que não é verdadeiramente amada, nem desejada pelas figuras parentais (Rohner, 1986; Khaleque & Rohner, 2002).

Dentro da *PARTheory* encontram-se três subteorias, a de *coping* que se foca nos aspetos que permitem a algumas crianças ultrapassar e lidar com as consequências da rejeição parental e a subteoria dos sistemas socioculturais que questiona, tentando prever e explicar o comportamento parental aceitante e o comportamento parental

negligente-rejeitante (Rohner, Khaleque & Cournoyer, 2011). Por fim, sendo a mais amplamente estudada, a subteoria da Personalidade, que afirma que quando as necessidades da criança, no que toca à aceitação parental, não são correspondidas, existe a tendência para o desenvolvimento de um desajustamento psicológico, que se pode manifestar de acordo com sete disposições distintas de personalidade. Este desajustamento psicológico pode incluir manifestações de **hostilidade/agressividade**, evidenciadas pela exteriorização de respostas de raiva ou de ressentimentos perante outras pessoas, situações ou objetos; **baixa autoestima**, que envolve sensações de desvalorização e desaprovação pessoal; **instabilidade emocional**, que se evidencia pela incapacidade em manter um humor equilibrado e adaptativo perante pequenas dificuldades ou falhas do quotidiano e **dependência** que se caracteriza pela necessidade excessiva de confirmar o amor e o suporte por parte dos/as outros/as. Igualmente, podem surgir complicações no que toca à **não-responsividade emocional** que se relaciona com a falta de assertividade e com a dificuldade em demonstrar sentimentos vivenciados às outras pessoas. Uma outra disposição da personalidade frequentemente afetada diz respeito à **auto-adequação negativa** que se caracteriza por sentimentos de incapacidade em realizar as tarefas inerentes à vida pessoal e ao enquadramento social. Finalmente a **visão negativa do mundo** pautada pelo medo e receio perante o mundo e pela ideia de que o mesmo está repleto de situações perigosas e ameaçadoras (Rohner, 1986; Munaf, Huassain & Kamrani, 2012).

2. *Coming out* e aceitação/rejeição parental

2.1. Modelos explicativos do *Coming out*

Durante a adolescência e o início da vida adulta, a revelação da orientação sexual pode apresentar-se como um gigantesco desafio psicológico. A família representa habitualmente a parte mais difícil do processo de *coming out* (Savin-Williams, 2003 citado em Heatherington & Lavner, 2008). O termo *coming out* apresenta-se como uma figura de expressão que, na prática, se refere ao assumir da orientação sexual. É a versão reduzida da expressão original “*coming out of the closet*”, que pode ser traduzida em português como “sair do armário”, embora a grande maioria dos estudos adotem o termo anglo-saxónico, por ser mais universal (Frazão & Rosário, 2008). O *coming out* implica primeiramente uma consciencialização pessoal da própria

identidade e apenas posteriormente a revelação aos outros (Dank, 1971). Assim, este é um processo que pode levar vários anos ou até a vida inteira, estando profundamente influenciado pelo ambiente em que o sujeito se insere e também pelas percepções que o mesmo tem dos comportamentos que as figuras significativas tomariam perante a notícia (Venâncio, 2010; Frazão & Rosário, 2008).

Segundo os modelos desenvolvimentistas clássicos de Cass (1979 citado em Frazão & Rosário, 2008), o *coming out* processa-se ao longo de seis fases. No primeiro estágio, **Confusão da Identidade**, o indivíduo identifica os seus próprios pensamentos homossexuais e inicia uma procura de informações sobre a temática. Seguidamente, surge uma **Comparação da Identidade**, pautada pelo início da aceitação da possibilidade da pessoa ser efetivamente não-heterossexual. É habitual nesta altura despoletarem-se sensações de inadequação, de diferença face aos/às outros/as e de isolamento social. A terceira fase, **Tolerância da Identidade**, distingue-se pelo reconhecimento das necessidades sexuais, emocionais e sociais relativas a pessoas do mesmo sexo, iniciando-se uma maior exploração da sexualidade e a procura de pessoas com vivências semelhantes. O quarto patamar, **Aceitação da Identidade**, demarca-se pelo consentimento da própria orientação sexual, pela maior proximidade à comunidade não-heterossexual e por sentimentos de frustração perante as atitudes homofóbicas da sociedade. Quanto ao penúltimo estágio, **Orgulho da Identidade**, é onde ocorre uma diferenciação mental clara entre não-heterossexual e heterossexual verificando-se a revelação da orientação sexual a alguns/mas amigos/as e família. Por fim, a **Síntese da Identidade**, em que o sujeito integra a orientação sexual na sua identidade, deixando esta de ser fator primordial na sua relação com os/as outros/as, ao mesmo tempo que surge a consciencialização de que esta é apenas uma das suas muitas características, uma parte de si e não o seu todo.

Um outro modelo de relevo é traçado por Coleman (1982 citado em Frazão & Rosário, 2008), existindo uma divisão em cinco estádios. Segundo o autor, o primeiro denomina-se **Pre-Coming Out** e caracteriza-se por uma sensação de diferença face ao grupo de pares. Como tal, durante a infância e adolescência, o indivíduo incorpora alguns dos valores sociais que atribuem à homossexualidade uma conotação pejorativa, havendo também a percepção dos sentimentos negativos dirigidos a pessoas homossexuais lésbicas e bissexuais, assim como da rejeição e ridicularização de que frequentemente são alvo. Como consequência, está muito presente no sujeito uma

necessidade de se proteger. No estágio seguinte, *Coming Out*, há um reconhecimento da própria orientação sexual e do significado da mesma, surgindo a revelação desta a algumas pessoas significativas. A terceira fase, **Exploração**, é marcada pela procura de outras figuras semelhantes havendo a vontade de expandir a sua identidade a nível social e sexual. Seguidamente surgem as **Primeiras Relações**, onde a necessidade de intimidade e de estabelecer uma relação se tornam marcantes. Nesta etapa é iniciada também uma aprendizagem sobre como viver numa sociedade que, por norma, trata de forma diferente as relações entre pessoas do mesmo sexo. Por último, o estágio da **Integração**, que se estabelece através da incorporação da orientação sexual com parte constituinte da identidade pública, privada e da autoimagem.

Estudos mais recentes propõem modelos de síntese, como é o caso do de Ritter e Tendrup (2002), que englobam as grandes linhas dos modelos de *coming out* presentes na Literatura desde 1970 até à atualidade. De acordo com estes autores, é possível detetar três fases principais do processo, comuns às teorias anteriores. A primeira etapa, **Sensibilização**, determina-se por uma marcada sensação de diferença e marginalização em relação aos pares do mesmo sexo, muitas vezes devida à não identificação com alguns papéis de género socialmente determinados. Esta situação é principalmente marcante durante a fase da adolescência e conduz frequentemente à rejeição da própria orientação sexual, à adoção de uma postura homofóbica e ao excessivo envolvimento académico ou profissional. Num patamar intermédio surge uma fase de **Tolerância**, muitas vezes marcada por uma vida dupla, não coerente com a socialmente transmitida à família e amigos/as, havendo no entanto algum contacto com a comunidade não-heterossexual como forma de colmatar as necessidades emocionais, sociais e sexuais. Contudo, quando este contacto se apresenta recompensador surge a vontade de diminuir a dissonância causada pela vida dupla, o que conduz à revelação da orientação sexual. No patamar final de **Integração**, verifica-se uma assimilação da identidade não-heterossexual como parte constituinte do sujeito.

Os modelos de *coming out*, no entanto, têm sido alvo de inúmeras críticas. Muitos/as autores/as defendem que estas teorias são demasiado normativas e rígidas, ocultando uma diversidade real dos percursos de vida de lésbicas, *gays* e bissexuais. É argumentado também que a identidade e a experiência de vida dos indivíduos é demasiado fluída e complexa para se poderem criar modelos e etapas sólidas (Savin-

Williams, 2005 citado em Frazão & Rosário, 2008; Floyd & Stein, 2002 citados em Frazão & Rosário, 2008).

Segundo um trabalho efetuado por D'Augelli (2006), com adolescentes que se caracterizavam como não-heterossexuais, a média de idade com que os/as mesmos/as se começaram a aperceber da sua orientação sexual rondava os 10 anos, sendo que a revelaram a alguém por volta dos 17 anos. O estudo demonstrou também que os/as participantes, em média, tinham a sua primeira experiência sexual com alguém do mesmo sexo, quatro anos depois de se aperceberem da sua orientação sexual. Destes sujeitos, os do sexo feminino demonstraram ter mais experiências heterossexuais do que os do sexo masculino. Os rapazes apresentavam um maior número de parceiros do mesmo sexo do que as raparigas. Mais de metade da amostra assumiu também já ter sido vítima de violência física ou verbal como consequência da sua orientação sexual, quer dentro da família, quer fora.

2.2. *Coming out* e aceitação-rejeição parental: evidências empíricas

De acordo com Beals e Peplau (2006), é habitual que os indivíduos não-heterossexuais sejam seletivos no que toca às pessoas a quem informam a sua orientação sexual. Assim, existe uma maior tendência para revelar o assunto mais aos/às amigos/as do que à família. O sexo da figura a quem a revelação é feita surge também como um fator importante, uma vez que a maioria dos/as participantes revelou primeiramente a sua orientação sexual a figuras significativas do sexo feminino (e.g., amigas, mães, irmãs). Além do mais, verificou-se que os sujeitos apresentavam uma relação de proximidade maior com os membros da família que tinham conhecimento da orientação sexual dos mesmos do que com os que desconheciam. A relação de proximidade era também maior com os que souberam diretamente a partir do indivíduo do que para aqueles que descobriram indiretamente

Regra geral, as ditas *minorias* discriminadas socialmente acabam por encontrar apoio nos pais/mães e familiares pois, na grande maioria das vezes, estes enquadram-se na mesma situação tendo experiências de vida semelhantes. O mesmo não ocorre, geralmente, no que toca à orientação sexual contribuindo para uma sensação de isolamento ainda maior (Pachankis, Goldfried & Ramrattan, 2010).

Um estudo realizado por Harter (1996 citado em Peixoto, 2003) demonstrou que a rejeição parental e o suporte condicional, por parte dos pais/mães, provam ser

Amor Parental (In)Condicional:

Estudo sobre a Influência da Perceção da Aceitação/Rejeição Parental em Homossexuais, Lésbicas e Bissexuais

importantes nos comportamentos de “falso eu”. Isto é, o/a filho/a adquire um comportamento e uma postura alternativa ao seu verdadeiro “eu” de forma a estar congruente com aquilo que as figuras parentais esperam de si, com o intuito de conquistarem a sua aprovação.

Contrariamente, os estudos comprovam que um relacionamento entre pais/mães e criança/adolescente que se baseie no suporte e na aceitação parental incondicional e em que haja algum controle das atividades do/a jovem mas, em simultâneo, com liberdade para afirmar a sua individualidade, potenciam uma maior adaptabilidade social, autoestima, maturidade e autoconceito satisfatórios (Peixoto, 2003). Além disso, os bons resultados escolares e o bom comportamento na sala de aula estão frequentemente relacionados com uma boa relação e aceitação parental (Oliveira, 2010).

De acordo com os trabalhos D’Augelli (2006), poucas famílias se apresentam como completamente aceitantes sendo que, as mães demonstram maior compreensão do que os pais. Além disso, a rejeição parental apresentou-se como influente no desenvolvimento de uma baixa autoestima e de diversas perturbações psicológicas. Coincidentemente, maiores índices de rejeição parental parecem estar relacionados com fatores como a educação reduzida, a perceção dos papéis de género, a religiosidade da família e também o elevado autoritarismo (Cramer & Roach, 1988 citados em Willoughby, Malik, Lindahl, 2006).

Deste modo, a perceção de reações negativas face à orientação homossexual, lésbica ou bissexual do indivíduo pode ser o estímulo necessário para se iniciar o uso e abuso de substâncias tais como o tabaco, o álcool e outras drogas (Rosario, Schrimshaw & Hunter, 2009). Verifica-se também uma elevada associação entre a rejeição parental da orientação sexual na adolescência e comportamentos sexuais de risco, perturbações mentais como a depressão e eventualmente a ideação suicida (Espelage, Aragon, Brikett & Koenig, 2008; Ryan, Huebner, Diaz, & Sanchez, 2009). Paralelamente, os dados indicam que aproximadamente um terço dos suicídios ocorridos durante a adolescência está intimamente relacionada com questões da orientação sexual como a rejeição parental, as dificuldades de autoaceitação e o *bullying*. Além disso, os estudos apontam para o facto do número de tentativas de suicídio dos/as jovens lésbicas, *gays* e bissexuais ser duas a três vezes superiores ao dos/as heterossexuais (Espelage, Aragon, Brikett & Koenig, 2008; Ryan, Huebner, Diaz, & Sanchez, 2009). Outros dados importantes foram obtidos por D’Augelli, Hershberger e Pilkington (2001 citados em

Rodrigues, 2010) ao afirmarem que muitos dos/as adolescentes que negam a sua orientação sexual e os seus sentimentos tendem a experienciar níveis de ideação suicida muito elevados. Os mesmos investigadores concluíram também que a grande maioria das tentativas de suicídio ocorrem depois do processo de *coming out*, possivelmente como consequência da rejeição experienciada após amigos/as e familiares tomarem conhecimento da notícia.

No que toca às reações dos pais/mães, os estudos de Beeler e DiProva (1999, citados em Baltezare, 2006), verificaram que muitas das figuras parentais justificavam as suas reações negativas e de desespero perante a notícia, tendo por base uma preocupação pela segurança dos/as filhos/as. Muitos/as afirmavam temer pela integridade dos/as mesmos/as numa sociedade que, por norma, rejeita a diferença. Além disso alegavam também sentirem-se assutados/as com a possibilidade de infeções sexualmente transmissíveis e com a perda dos valores inerentes à família. Referiam igualmente um medo pessoal de serem apontados/as pela comunidade e família como culpados/as da orientação sexual dos/as filhos/as. Por fim, assumiam uma sensação de tristeza pela possibilidade de não virem a ter uma família normativa, com netos/as e algum desconforto com a eventualidade de terem de integrar na família um companheiro/a do mesmo sexo.

Estes receios parecem ser, contudo infundados. Apesar das dificuldades ao nível da aceitação social de casais do mesmo sexo e de todo o enfoque e regalias legais que os casais heterossexuais recebem, vários estudos comprovaram que os níveis de coesão e de adaptabilidade são superiores nos casais do mesmo sexo (Mosmann, Lomando & Wagner, 2010). Um outro aspeto salientado nestes casais é a flexibilidade no que toca ao desempenho e à alternância dos papéis de género, sendo que se verifica uma maior empatia e compreensão em determinados assuntos (Mosmann, Lomando & Wagner, 2010).

No que diz respeito à adoção e tendo em conta diversas críticas à amostragem reduzida dos estudos que comprovavam uma boa capacidade parental em casais homossexuais e lésbicos, um estudo da Universidade de Amesterdão recolheu uma amostra de cem famílias lésbicas e cem famílias heterossexuais. Os resultados demonstraram que não existia uma diferença significativa no ajustamento e no bem-estar das crianças à respetiva família, quando comparada a família lésbica com a família heterossexual. Além do mais, as famílias lésbicas demonstram maior desejo em ter

Amor Parental (In)Condicional:

Estudo sobre a Influência da Percepção da Aceitação/Rejeição Parental em Homossexuais, Lésbicas e Bissexuais

filhos/as, maior satisfação na divisão de tarefas relacionadas com os/as mesmos/as e maior presença nas suas atividades, embora as famílias heterossexuais tenham obtido melhores resultados no que toca à imposição de limites assertivos (Bos, van Balen & van den Boom, 2007).

Segundo Baltezore (2006) a reação parental inicial à notícia é, regra geral, percecionada como má, pelos/as filhos/as, que alegam uma deterioração da relação durante o período de tempo imediatamente a seguir ao *coming out*. Contudo, na grande maioria das vezes, após um período de ajustamento, as relações tendem a voltar a um ponto de equilíbrio próximo do vivenciado anteriormente.

Por último, importa referir também que, atualmente, os *media* têm representado um papel fundamental nas vidas dos/as jovens e adultos/as não-heterossexuais. Através da criação de alguns conteúdos de entretenimento como filmes, séries e mesmo animações que contêm em si personagens ou personalidades assumidamente lésbicas/gay/bissexuais retratados/as de um ponto de vista positivo, com os quais os/as mesmos/as encontram boas referências com quem se identificar, influenciando os processos de autoaceitação e eventualmente do *coming out* (Avila-Saavedra, 2009; Dow, 2001). Contudo, por outro lado, segundo Fisher, Hill, Grube e Gruber (2007) a quantidade de programas que se foca na temática da orientação sexual ainda é reduzida e muitos personagens são usados de forma estereotipada e numa vertente jocosa.

Parte II - Método

1. Objetivos gerais do estudo

O primeiro objetivo deste estudo é verificar se a percepção que homossexuais, lésbicas e bissexuais têm da aceitação/rejeição parental, durante a infância, se relaciona com a percepção da aceitação/rejeição parental que têm aquando do *coming out*.

Segundo Rohner (1986) a existência de rejeição parental durante a infância apresenta várias consequências para o indivíduo a nível das disposições da personalidade (hostilidade/agressividade, baixa autoestima, instabilidade emocional, dependência, não-responsividade emocional, auto-adequação negativa e visão negativa do mundo) refletindo-se num grave desajustamento psicológico. Contudo, não existem muitos estudos que procurem verificar se estas mesmas disposições também podem ser influenciadas pela aceitação/rejeição de uma orientação sexual não-heterossexual. Como tal, este trabalho tem também como objetivo relacionar a variável “percepção de rejeição parental aquando do *coming out*”, com as variáveis “hostilidade/agressividade”, “baixa autoestima”, “instabilidade emocional”, “dependência”, “não-responsividade emocional”, “auto-adequação negativa” e “visão negativa do mundo”. O estudo terá sempre em conta a perspetiva dos pais e das mães separadamente, recorrendo-se ao termo parental quando se pretende dirigir a ambos.

2. Problemas e hipóteses de investigação

O presente estudo visa responder aos seguintes problemas de investigação:

1 – Será que a percepção que homossexuais, lésbicas e bissexuais têm da aceitação/rejeição parental, durante a infância, se relaciona com a percepção da aceitação/rejeição parental que têm aquando do *coming out*?

Hipótese 1: A percepção de níveis elevados de rejeição pelo pai durante a infância está associada à percepção de níveis elevados de rejeição pelo pai aquando do *coming out*.

Hipótese 2: A percepção de níveis elevados de rejeição pela mãe durante a infância está associada à percepção de níveis elevados de rejeição pela mãe aquando do *coming out*.

Conforme afirmam Corliss, Chchran e Mays (2002 citados em Pachankis, Goldfried & Ramrattan, 2010), os indivíduos homossexuais, lésbicas e bissexuais reportaram elevados níveis de rejeição parental durante a infância principalmente quando comparado com os/as participantes/as heterossexuais. O estudo alega que esta rejeição possa estar relacionada com comportamentos mantidos durante a infância que por vezes não se coadunam com os socialmente esperados para o respetivo sexo. Por estes motivos, será de prever que figuras parentais que desde cedo condenam a criança por esta apresentar, aos olhos deles, alguns indícios de uma orientação sexual diferente da normativa, venham mais tarde também a rejeitar a homossexualidade/lesbianismo/bissexualidade do/a filho/a.

2 – Será que existe uma relação entre a percepção da aceitação/rejeição parental aquando do *coming out* e alguma das disposições da personalidade associadas ao desajustamento psicológico?

Hipótese 3: A percepção de níveis elevados de rejeição paternal aquando do *coming out* correlaciona-se positivamente com pelo menos uma das disposições da personalidade associadas ao desajustamento psicológico.

Hipótese 4: A percepção de níveis elevados de rejeição maternal aquando do *coming out* correlaciona-se positivamente com pelo menos uma das disposições da personalidade associadas ao desajustamento psicológico.

De acordo com o estudo de Pachankis, Goldfried & Ramrattan (2010), experiências de rejeição da orientação sexual, incluindo a rejeição parental, podem ter graves consequências futuras. Nomeadamente, verificou-se que os homossexuais masculinos com experiências negativas neste parâmetro tendem a apresentar maior sensibilidade futura à rejeição da sua orientação sexual e maior falta de assertividade. Também D’Augelli (2006), afirma que a rejeição parental da orientação sexual se apresenta como influente no desenvolvimento de uma baixa autoestima e de diversas perturbações psicológicas. Além destes, como referido anteriormente, Rohner (1986), indica que a percepção da rejeição parental está fortemente relacionada com problemas a nível das disposições da personalidade e conseqüentemente com o desajustamento psicológico.

3. Procedimentos

No que respeita à amostra utilizada, a mesma foi obtida primordialmente através do contacto com duas associações LGBT portuguesas, a ILGA e a *rede ex aequo* que contribuíram na divulgação do estudo pela comunidade alvo. Os questionários foram aplicados numa plataforma *online* sendo que os/as participantes acediam ao mesmo através de um *link*.

Para participarem no estudo era requisito obrigatório ter-se mais de 18 anos e todos/as os/as respondentes tinham de se considerar homossexuais, lésbicas ou bissexuais. Sendo que o questionário era aplicado através da internet, o mesmo garantia mais facilmente o anonimato e a confidencialidade dos/as participantes estando todas as informações pertinentes presentes num texto inicial. Primeiramente, obteve-se uma amostra de 306 indivíduos contudo, foram excluídos todos os que não responderam à totalidade do questionário. Dado que uma grande parte desta amostra ainda não tinha realizado o *coming out* ao pai e/ou à mãe, no final, a amostra ficou reduzida a 84 sujeitos, com os quais se realizou o presente estudo. Com a finalização do processo de recolha, os dados foram inseridos numa base de dados e processados recorrendo ao Statistical Package for Social Sciences (SPSS).

4. Amostragem

No que respeita ao sexo, 52 (61,9%) dos/as participantes são do sexo masculino e 32 (38,1%) do sexo feminino estando as idades compreendidas entre os 18 e os 66 anos ($M=27,45$). Relativamente à orientação sexual, 17 (20,2%) identificam-se como bissexuais e 67 (79,8%) como homossexuais. Todos/as os/as participantes residem em Portugal havendo no entanto 1 (1,2%) de nacionalidade angolana, 1 (1,2) de nacionalidade francesa e 1 (1,2) de nacionalidade venezuelana sendo os restantes de origem portuguesa 81 (96,4%). Quanto ao estado civil, 63 (75%) são solteiros/as, 2 (2,4%) são casados/as ou vivem em união de facto com uma pessoa do sexo oposto e 19 (22,6%) são casados/as ou vivem em união de facto com uma pessoa do mesmo sexo. Visando agora as habilitações literárias completas, 1 (1,2%) terminou os estudos com o 9º ano de escolaridade e 24 (28,6%) com o 12º. Além destes/as, 45 (53,6%) concluíram a Licenciatura/Bacharelato, 13 (15,5%) o mestrado e 1 (1,2%) o doutoramento.

No que diz respeito à profissão dos/as participantes, os/as mesmos/as foram agrupados de acordo com a classificação nacional de profissões. Assim, obteve-se 12

(14,3%) especialistas das profissões intelectuais e científicas, 22 (26,2%) técnicos e profissionais intermédios, 6 (7,1%) administrativos e similares e 8 (9,5%) que se inserem na categoria de “pessoal dos serviços e vendedores”. Não incluídos em nenhuma destas categorias estão 30 (35,7%) estudantes, 5 (6%) desempregados/as e 1 (1,2%) reformado.

Por fim, importa analisar as habilitações literárias completas das mães e dos pais dos sujeitos. No que respeita às mães, 19 (22,6%) terminou apenas o 4º ano de escolaridade, 10 (11,9%) o 6º ano, 11 (13,1%) o 9º ano e 15 (18,9%) o 12º ano. Além destas, 24 (28,6%) concluíram uma licenciatura/bacharelato, 2 (2,4%) o mestrado e 3 (3,6%) o doutoramento. No que concerne aos pais, 19 (22,6%) finalizou apenas o 4º ano de escolaridade, 7 (8,3%) o 6º ano, 16 (19%) o 9º ano e 12 (14,3%) o 12º ano. Além destes, 22 (26,2%) concluíram uma licenciatura/bacharelato, 7 (8,3%) o mestrado e 1 (1,2%) o doutoramento.

5. Apresentação dos instrumentos

No sentido da recolha da amostra necessária para esta investigação foram aplicados alguns questionários aos sujeitos, sendo que o questionário sociodemográfico abordava dados como a idade, o sexo, a orientação sexual, o estado civil, a nacionalidade, o país de residência, a profissão e as habilitações literárias tanto do/a próprio/a como dos respetivos pais e mães.

5.1. Questionário de Aceitação/Rejeição Parental (PARQ)

O Questionário de Aceitação/Rejeição Parental (versão curta) (PARQ) constitui a versão portuguesa do *Adult PARQ* da autoria de Rohner (2004; Rohner, Khaleque & Cournoyer, 2005). O questionário apresenta duas partes exatamente com os mesmos itens, sendo que um visa a aceitação/rejeição paterna e o outro a materna. Esta escala pretende analisar a perceção que o indivíduo tinha da relação com o pai e a mãe durante a infância, aproximadamente entre os 7 e os 12 anos. O instrumento apresenta um texto introdutório com as normas do autor das escalas, sendo alertado que as respostas devem refletir o modo como o pai/mãe os/as tratavam na altura específica e não como gostariam de ter sido tratados/as.

Cada inventário divide-se em quatro subescalas, que segundo Rohner, Khaleque e Cournoyer (2005) correspondem às quatro dimensões do comportamento parental a

partir dos quais adultos/as e crianças organizam as suas ideias de aceitação/rejeição parental. De forma resumida, o carinho é uma variável manifestada de forma física ou verbal, através de gestos e palavras afetuosas. A hostilidade/agressividade, define-se essencialmente pela percepção de sentimentos negativos como raiva, ressentimento e intenções de magoar fisicamente o/a filho/a. A indiferença/negligência reporta para a ausência de preocupação e interesse para com o indivíduo. Finalmente, a rejeição indiferenciada, que se refere à transmissão de indícios que levam a criança a acreditar que não é verdadeiramente amada, nem desejada pelas figuras parentais (Rohner, 1986; Khaleque & Rohner, 2002). A versão utilizada apresenta 24 itens organizados segundo uma escala de *Lickert* de 4 intervalos (1-Quase sempre é verdade, 2-Algumas vezes é verdade, 3-Raramente é verdade e 4-Quase nunca é verdade). Valores finais elevados indicavam índices de rejeição percecionados igualmente altos podendo os resultados variar entre um mínimo de 24 e um máximo de 96. Tendo em conta o alpha de Cronbach expresso na Tabela 1, verificamos que todas as subescalas apresentam uma boa fiabilidade e consistência, sendo estas maiores na versão paternal do que na versão maternal.

Tabela 1

Valores do alpha de Cronbach para as subescalas nas versões paternas e maternas do questionário de aceitação/rejeição parental (PARQ).

	α Pai	α Mãe
Carinho	0,926	0,910
Hostilidade/Agressividade	0,897	0,789
Indiferença/Negligência	0,850	0,795
Rejeição Indiferenciada	0,871	0,718
Total Rejeição	0,677	0,685

5.2. Escala da Percepção da Reação Parental (PPRS)

A Escala da Percepção da Reação Parental (PPRS) ou *Perceived Parental Reaction Scale* (PPRS) na versão original, foi criada por Willoughby, Malik e Lindahl (2006) com o objetivo de aceder à percepção da reação parental perante a descoberta da orientação sexual dos/as filhos/as. A escala apresenta duas versões idênticas entre si,

uma correspondente às reações do pai e outra para as da mãe. Na mesma estão presentes 32 itens organizados segundo uma escala de Lickert com 5 opções de resposta (1-Não Concordo, 2-Concordo Pouco, 3-Neutral, 4-Concordo e 5-Concordo Muito). Aquando da aplicação, era pedido a cada participante que reportasse à semana em que o seu pai e a sua mãe tomaram conhecimento da orientação sexual do mesmo, indicando o grau de concordância com cada uma das afirmações. Valores finais elevados indicavam índices de rejeição percebidos igualmente altos podendo os resultados variar entre um mínimo de 32 e um máximo de 160. No que respeita ao alpha de Cronbach obteve-se um valor de 0.941 para a versão paternal e 0.964 para a maternal verificando como tal uma elevada fiabilidade e consistência.

5.3 Questionário de Avaliação da Personalidade (PAQ)

O Questionário de Avaliação da Personalidade (PAQ) é da autoria de Rohner e constitui a versão portuguesa do *Adult PAQ*. Segundo Rohner (1976 citado em Munaf, Huassain & Kamrani, 2012) esta escala tem como objetivo analisar as percepções individuais relativas às sete disposições da personalidade que o autor associa ao desajustamento psicológico. De forma resumida, as sete disposições da personalidade englobam a hostilidade/agressividade, que se evidencia pela exteriorização de respostas de raiva ou de ressentimentos perante outras pessoas, situações ou objetos; a baixa autoestima, que envolve sensações de desvalorização e desaprovação pessoal; a instabilidade emocional, caracterizada pela incapacidade em manter um humor equilibrado e adaptativo perante pequenas dificuldades ou falhas no quotidiano; a dependência que se caracteriza pela necessidade excessiva de confirmar o amor e o suporte por parte dos/as outros/as; a não-responsividade emocional que se relaciona com a falta de assertividade e com a dificuldade em demonstrar sentimentos; a auto-adequação marcada por sentimentos de incapacidade em realizar as tarefas inerentes à vida pessoal e ao enquadramento social e por fim a visão negativa do mundo pautada pelo medo e receio perante o mundo e pela ideia de que o mesmo está repleto de situações perigosas e ameaçadoras (Rohner, 1986; Munaf, Huassain & Kamrani, 2012). Durante a aplicação do instrumento, cada indivíduo é convidado a refletir sobre si mesmo a partir da descrição de comportamentos relacionados com as dimensões da sua personalidade. O PAQ é constituído por 63 itens organizados segundo uma escala de *Lickert* de 4 intervalos (1-Quase sempre é verdade, 2-Algumas vezes é verdade, 3-

Amor Parental (In)Condicional:

Estudo sobre a Influência da Percepção da Aceitação/Rejeição Parental em Homossexuais, Lésbicas e Bissexuais

Raramente é verdade e 4-Quase nunca é verdade). Todas as questões estão formuladas na primeira pessoa do singular e no tempo verbal presente, expressando sentimentos e sensações pessoais podendo-se destacar alguns exemplos dentro de cada subescala:

- a) Hostilidade/Agressividade: “Quero bater em algo ou alguém” (item nº50).
- b) Dependência: “Gosto que os/as meus/minhas amigos/as demonstrem muito afeto por mim” (item nº58).
- c) Baixa Autoestima: “Sinto que não sou bom/boa nem nunca serei” (item nº45).
- d) Auto-adequação negativa: “Sinto-me inútil ” (item nº11).
- e) Não-responsividade emocional: “É-me difícil ser emocionalmente espontâneo/a com outras pessoas” (item nº 12).
- f) Instabilidade emocional: “Sinto-me zangado/a e mal-humorado/a sem ter motivos ” (item nº27).
- g) Visão negativa do mundo: “Vejo a vida como cheia de perigos” (item nº49).

Tendo em conta o alpha de Cronbach expresso na Tabela 2, verificamos que todas as subescalas apresentam uma boa fiabilidade, sendo que destas, a subescala da auto-adequação negativa apresenta a maior consistência e a dependência a menor.

Tabela 2

Valores do alpha de Cronbach para as subescalas do questionário de avaliação da personalidade (PAQ).

Subescalas	α
Hostilidade/Agressividade	0,777
Dependência	0,752
Baixa Autoestima	0,925
Auto-adequação negativa	0,940
Não-responsividade emocional	0,858
Instabilidade emocional	0,855
Visão negativa do mundo	0,917

6. Apresentação dos resultados

Inicialmente serão apresentados e descritos os resultados obtidos como forma de cumprir os objetivos delineados e de responder aos problemas e hipóteses formuladas, posteriormente será efetuada a discussão dos mesmos. Assim, primeiramente apresentam-se as Tabelas 3 e 4, que permitem verificar uma análise descritiva das variáveis em estudo.

Tabela 3

Análise descritiva da variável aceitação/rejeição parental na infância e da variável percepção da aceitação/rejeição parental aquando do coming out.

	Mínimo	Máximo	Ponto Médio	Média		Desvio Padrão	
				Pai	Mãe	Pai	Mãe
Carinho	8,00	32,00	20,00	22,51	26,93	6,39	4,99
Hostilidade/ Agressividade	6,00	24,00	15,00	9,42	8,99	4,41	3,20
Indiferença/ Negligência	6,00	24,00	15,00	11,85	9,07	4,23	3,06
Rejeição Indiferenciada	4,00	16,00	10,00	6,04	5,25	2,85	1,98
Total Rejeição Parental	24,00	96,00	60,00	44,81	36,29	15,27	11,41
Total Rejeição ao <i>coming out</i>	32,00	160,00	96,00	79,92	83,58	24,59	28,11

Através da consulta da Tabela 3 podemos verificar que a média para a dimensão do carinho, apesar de acima do ponto médio em ambas as situações, sendo como tal elevada, é superior na mãe (M=26,93) do que no pai (M=22,51). No que toca às dimensões hostilidade/agressividade, indiferença/negligência e rejeição indiferenciada, verificamos que tanto na situação maternal como na situação paternal os valores são regra geral baixos e próximos do mínimo, sendo no entanto constantemente superiores

Amor Parental (In)Condicional:

Estudo sobre a Influência da Percepção da Aceitação/Rejeição Parental em Homossexuais, Lésbicas e Bissexuais

no que toca ao pai. Assim, de acordo com os resultados, a nossa amostra percebe-se como mais aceite do que rejeitada pelas suas figuras parentais. Relativamente ao índice geral de rejeição, o mesmo encontra-se abaixo do ponto médio demonstrando que na generalidade os/as participantes não percecionavam os/as seus/suas pais/mães como rejeitantes durante a infância. Contudo, uma vez mais, as mães ($M=36,29$) apresentam um valor médio inferior ao dos pais ($M=44,81$).

Focando agora no índice total de rejeição da orientação sexual é possível observar uma situação inversa da anterior. Apesar dos índices de rejeição serem ligeiramente abaixo do ponto médio nas duas situações, as mães ($M=83,58$) apresentam um valor médio de rejeição da orientação sexual ligeiramente superior ao dos pais ($M=79,92$).

Tabela 4

Análise descritiva das variáveis disposições da personalidade.

Subescalas	Mínimo	Máximo	Ponto Médio	Média	Desvio Padrão
Hostilidade/Agressividade	9,00	36,00	22,50	18,07	4,63
Dependência	9,00	36,00	22,50	25,28	4,04
Baixa autoestima	9,00	36,00	22,50	17,45	6,70
Auto-adequação negativa	9,00	36,00	22,50	17,11	6,77
Não-responsividade emocional	9,00	36,00	22,50	18,48	5,96
Instabilidade emocional	9,00	36,00	22,50	20,58	5,42
Visão negativa do mundo	9,00	36,00	22,50	16,48	5,89

Examinando a Tabela 4, verificamos que a amostra obteve valores abaixo do ponto médio em quase todas as disposições negativas da personalidade analisadas o que demonstra que estas não estão muito presentes na mesma. No entanto, a dependência afetiva obteve um valor acima do ponto médio ($M=25,28$), demonstrando que, em média, nesta população existe uma necessidade excessiva de confirmar o amor e o suporte por parte dos/as outros/as.

De forma a processar os resultados de encontro aos problemas e hipóteses, recorreu-se ao teste paramétrico de Correlação de Pearson uma vez que permitia

Amor Parental (In)Condicional:

Estudo sobre a Influência da Percepção da Aceitação/Rejeição Parental em Homossexuais, Lésbicas e Bissexuais

estabelecer relações entre duas variáveis intervalares ou de escala e visto se confirmar o teste de normalidade em todos os parâmetros (Filho & Júnior, 2009). No sentido de descobrir uma resposta ao primeiro problema, correlacionou-se o índice total de rejeição parental com o índice total de rejeição da orientação sexual aquando do *coming out* nas tabelas 5 e 6.

Tabela 5

Correlações entre a Percepção da Rejeição paternal na Infância e a Percepção da Rejeição paternal aquando do coming out.

Pai	Total Rejeição ao <i>coming out</i>	
Carinho	Correlação Pearson	-0,421**
	p	0,000
Hostilidade/ Agressividade	Correlação Pearson	0,374**
	p	0,000
Indiferença/ Negligência	Correlação Pearson	0,289**
	p	0,004
Rejeição Indiferenciada	Correlação Pearson	0,301**
	p	0,003
Total Rejeição Paternal	Correlação Pearson	0,421**
	p	0,000

** . Correlação é significativa ao nível 0.01

* . Correlação é significativa ao nível 0.05

Amor Parental (In)Condicional:**Estudo sobre a Influência da Percepção da Aceitação/Rejeição Parental em Homossexuais, Lésbicas e Bissexuais**

Tabela 6

Correlações entre a Percepção da Rejeição maternal na Infância e a Percepção da Rejeição maternal aquando do coming out.

Mãe		Total Rejeição ao <i>coming out</i>
Carinho	Correlação Pearson	-0,336**
	p	0,001
Hostilidade/ Agressividade	Correlação Pearson	0,407**
	p	0,000
Indiferença/ Negligência	Correlação Pearson	0,369**
	p	0,000
Rejeição Indiferenciada	Correlação Pearson	0,383**
	p	0,000
Total Rejeição Maternal	Correlação Pearson	0,427**
	p	0,000

** . Correlação é significativa ao nível 0.01

* . Correlação é significativa ao nível 0.05

De acordo com os resultados do teste, expressos nas Tabela 5 e 6, verifica-se uma correlação entre todas variáveis analisadas sendo as mesmas estatisticamente significativas. Como tal, podemos verificar que, tanto para o pai ($r=0,42$; $p\leq 0,01$) como para a mãe ($r=0,43$; $p\leq 0,01$), quanto maior a percepção da rejeição parental durante a infância maior a percepção da rejeição parental da orientação sexual aquando da revelação da mesma.

No que concerne ao fator carinho, a correlação é também estatisticamente significativa, para o pai ($r=-0,42$; $p\leq 0,01$) e para a mãe ($r=-0,34$; $p\leq 0,01$). Contudo, neste parâmetro, dado que a correlação é negativa, quando os valores de uma das variáveis aumentam, os da outra diminuem. Ou seja, nesta situação em particular, pode-se prever que, a valores mais elevados de percepção de carinho durante a infância

Amor Parental (In)Condicional:

Estudo sobre a Influência da Percepção da Aceitação/Rejeição Parental em Homossexuais, Lésbicas e Bissexuais

correspondem valores mais reduzidos de rejeição da orientação sexual dos sujeitos aquando do *coming out* e vice-versa.

Para terminar, podemos afirmar que a hostilidade/agressividade, a Indiferença/Negligência e a Rejeição Indiferenciada se correlacionam positivamente com a rejeição ao *coming out* na versão materna e paterna do teste. Desta forma, para esta amostra, quando maior é a percepção destes comportamentos durante a infância por parte dos pais/mães maior a percepção também de rejeição da orientação sexual.

Seguidamente pretendeu-se averiguar a resposta ao segundo problema, correlacionando-se o índice total de rejeição da orientação sexual aquando da descoberta da mesma com o desajustamento psicológico refletido nas sete dimensões da personalidade.

Tabela 7

Correlações entre a Percepção da Rejeição Parental da orientação sexual aquando do coming out e as disposições da personalidade.

		Total Rejeição do <i>coming out</i> (Pai)	Total Rejeição do <i>coming out</i> (Mãe)
Hostilidade/ Agressividade	Correlação Pearson	0,025	0,158
	p	0,819	0,152
Dependência	Correlação Pearson	0,017	0,038
	p	0,881	0,733
Baixa Autoestima	Correlação Pearson	0,127	0,353**
	p	0,251	0,001
Auto-adequação Negativa	Correlação Pearson	0,207	0,373**
	p	0,059	0,000
Não- responsividade emocional	Correlação Pearson	0,160	0,271*
	p	0,146	0,013

Amor Parental (In)Condicional:

Estudo sobre a Influência da Perceção da Aceitação/Rejeição Parental em Homossexuais, Lésbicas e Bissexuais

Instabilidade emocional	Correlação Pearson	0,043	0,256*
	p	0,698	0,019
Visão negativa do mundo	Correlação Pearson	0,098	0,192
	p	0,376	0,080

** . Correlação é significativa ao nível 0.01

* . Correlação é significativa ao nível 0.05

Inspecionando os resultados do teste, expressos na Tabela 7, é possível verificar que não existe uma correlação estatisticamente significativa entre a rejeição da orientação sexual aquando da descoberta da mesma pelo pai e as dimensões da personalidade relacionadas com o desajustamento psicológico. No que toca à mãe, detetam-se correlações estatisticamente significativas em alguns dos quadrantes estudados. Nomeadamente verifica-se uma correlação positiva mais forte nas dimensões da baixa autoestima ($r=0,35$; $p\leq 0,01$) e da auto-adequação negativa ($r=0,37$; $p\leq 0,01$). Nas medidas da não-responsividade emocional ($r=0,27$; $p\leq 0,05$) e da instabilidade emocional ($r=0,25$; $p\leq 0,05$) verifica-se também uma correlação estatisticamente significativa embora não tão forte como nas situações anteriores. Estes dados apontam para o facto de que quanto maior a perceção da rejeição materna da orientação sexual, maior o nível de auto-adequação negativa, de baixa autoestima, de irresponsividade emocional e de instabilidade emocional.

Posteriormente, foi possível aceder novamente à correlação de Pearson para investigar se existiria uma relação entre a rejeição ao *coming out* por parte da mãe e por parte do pai. Assim, de acordo com os dados na tabela 8 pode-se aferir que existe uma correlação estatisticamente significativa e positiva entre estas duas variáveis. Na verdade, de acordo com os resultados, os sujeitos que experienciaram maiores níveis de rejeição aquando do *coming out* à mãe, experienciaram níveis igualmente elevados de rejeição perante o pai na mesma situação.

Amor Parental (In)Condicional:

Estudo sobre a Influência da Perceção da Aceitação/Rejeição Parental em Homossexuais, Lésbicas e Bissexuais

Tabela 8

Correlações entre a Perceção da Rejeição do pai aquando do coming out e a Perceção da Rejeição da mãe aquando do coming out.

		Total Rejeição do coming out (Pai)	
Total Rejeição da	Correlação Pearson		0,556**
Orientação Sexual			
(Mãe)	p		0,000

** . Correlação é significativa ao nível 0.01

Recorrendo ainda aos dados recolhidos comparou-se o grupo dos participantes masculinos com o grupo das participantes femininas no que concerne à rejeição parental percebida durante a infância e aquando do *coming out*. Tendo em conta que se está a comparar duas amostras independentes, a variável é nominal (sexo) e confirmando-se o teste da normalidade, recorreu-se ao *t student* para obter os resultados (Martinez & Ferreira, 2008).

Tabela 9

Diferenças de grupos na perceção de rejeição parental na infância e aquando do coming out e no que respeita ao sexo dos/as participantes.

	Sexo	N	p		Média		Desvio Padrão	
			Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe
Carinho	Masculino	52			22,05	27,29	6,10	5,06
			0,411	0,400				
Hostilidade/ Agressividade	Masculino	52			9,19	8,73	3,70	3,21
			0,535	0,557				
Indiferença/ Negligência	Masculino	52			11,71	8,84	4,00	3,10
			0,690	0,393				
Rejeição Indiferenciada	Masculino	52			5,97	5,10	2,58	1,85
			0,773	0,383				
	Feminino	32			6,15	5,50	3,30	2,17

Amor Parental (In)Condicional:

Estudo sobre a Influência da Percepção da Aceitação/Rejeição Parental em Homossexuais, Lésbicas e Bissexuais

Total	Masculino	52		44,81	35,39	13,38	11,46
Rejeição			1,000	0,361			
Parental	Feminino	32		44,81	37,75	18,16	11,35
Total Rejeição	Masculino	52		79,41	81,39	23,89	26,99
ao <i>coming out</i>			0,813	0,367			
	Feminino	32		80,73	87,14	26,05	29,94

Atendendo aos resultados podemos verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas ($p > 0,05$) na comparação entre os sexos nos parâmetros analisados. Como tal, pode-se aferir que ambos os sexos experienciam índices semelhantes de aceitação/rejeição parental na infância e aquando do *coming out*.

Igualmente pertinente é a comparação entre a homossexualidade/lesbianismo e a bissexualidade no que toca à reação dos pais ao *coming out*.

Tabela 10

Diferenças de grupos na percepção de rejeição aquando do coming out no que respeita à orientação sexual dos/as participantes.

	Orientação Sexual	N	p	Média	Desvio Padrão
Total Rejeição	Gay/Lésbica	67		81,31	23,14
ao <i>coming out</i>			0,384		
(Pai)	Bissexual	17		74,41	29,82
Total Rejeição	Gay/Lésbica	67		85,82	29,99
ao <i>coming out</i>			0,198		
(Mãe)	Bissexual	17		74,78	31,49

Identicamente à situação anterior, os resultados não detetam diferenças estatisticamente significativas ($p > 0,05$) na comparação entre as orientações sexuais nos parâmetros analisados. Como tal, pode-se aferir que tanto os/as gays/lésbicas como os/as bissexuais experienciam índices semelhantes de aceitação/rejeição parental aquando do *coming out*.

De forma a estabelecer uma relação entre as habilitações literárias dos pais e mães e as reações ao *coming out* dos/as seus/suas filhos/as, recorreu-se ao teste não

paramétrico de Correlação de Spearman que permite correlacionar a varável ordinal “habilitações literárias” com a variável percepção da aceitação/rejeição parental aquando do *coming out* (Martinez & Ferreira, 2008).

Tabela 11

Correlações entre as habilitações literárias dos pais e mães e a Percepção de Rejeição Parental aquando do coming out.

		Total Rejeição ao <i>coming out</i> (Pai)	Total Rejeição ao <i>coming out</i> (Mãe)
Habilitações Literárias (Pai)	Correlação Spearman p	-0,130	
Habilitações Literárias (Mãe)	Correlação Spearman p		0,000
			1,000

O teste efetuado não deteta nenhuma correlação estatisticamente significativa entre as habilitações literárias dos pais e das mães e as reações ao *coming out*.

7. Discussão de resultados

Inicialmente estabeleceu-se como objetivo do estudo, investigar se a percepção que homossexuais, lésbicas e bissexuais têm da aceitação/rejeição parental durante a infância se relaciona com a percepção da aceitação/rejeição parental aquando do *coming out*, tendo-se criado um problema que refletia o mesmo. Em resposta a este problema elaboraram-se duas hipóteses:

Hipótese 1: A percepção de níveis elevados de rejeição pelo pai durante a infância está associada à percepção de níveis elevados de rejeição pelo pai aquando do *coming out*.

Hipótese 2: A percepção de níveis elevados de rejeição pela mãe durante a infância está associada à percepção de níveis elevados de rejeição pela mãe aquando do *coming out*.

Segundo os testes correlacionais de Pearson efetuados, verificamos que existe uma associação significativa e positiva de ambas as variáveis tanto na perspectiva

paternal como na perspectiva maternal. Esta situação leva-nos a propor que os homossexuais, as lésbicas e os/as bissexuais que percecionam reações negativas aquando do *coming out* ou da descoberta da sua orientação sexual por parte das figuras parentais, experienciaram também sensações de rejeição parental durante a infância. Por conseguinte os dados corroboram com ambas as hipóteses propostas. Estes resultados parecem estar em concordância com a literatura existente uma vez que, de acordo com Corliss, Chchran & Mays (2002 citados em Pachankis, Goldfried & Ramrattan, 2010), é comum os indivíduos não-heterossexuais declaram níveis elevados de rejeição parental durante a infância. Como proposto pelos autores, esta situação poderá estar relacionada com papéis de género manifestados que, por vezes, não se coadunam com os socialmente esperados para o respetivo sexo da criança. Assim, é de prever que as figuras parentais que apresentam maiores índices de rejeição da orientação sexual dos/as filhos/as tenham já evidenciado uma maior desaprovação de alguns destes comportamentos anteriormente. Como forma de demonstrar essa desaprovação é possível que os pais e as mães durante a infância não fossem tão carinhosos o que explica a correlação negativa entre o carinho e a rejeição ao *coming out*. Pelas mesmas motivações estes pais e mães também terão demonstrado uma maior hostilidade/agressividade, indiferença/negligência e rejeição indiferenciada sendo por essas razões que estas dimensões da rejeição parental se relacionam positivamente com a rejeição à descoberta da orientação sexual. Os autores efetuaram igualmente uma comparação da situação com sujeitos heterossexuais que não alcançaram níveis de rejeição parental percecionada tão altos. No entanto, é importante referir que como nestas situações é pedido aos indivíduos que reportem a um período temporal há muito ultrapassado, é possível que experiências de aceitação e rejeição mais recentes turvem e influenciem as memórias da infância. Importa ainda salientar o estudo de D'Augelli (2006), que afirma existirem indicies mais elevados de rejeição à orientação sexual nos familiares do sexo masculino embora o nosso estudo tenha encontrado um indice médio de rejeição ligeiramente mais elevado nas mães do que nos pais. Não está, no entanto, comprovado que esta diferença seja estatisticamente significativa.

O segundo objetivo deste trabalho era verificar se existia uma relação entre a perceção de rejeição parental da orientação sexual aquando da descoberta da mesma com alguma das disposições da personalidade associadas ao desajustamento psicológico

(Rohner, 1986). Como forma a alcançar este objetivo foi elaborado o problema 2 e as seguintes hipóteses:

Hipótese 3: A perceção de níveis elevados de rejeição paternal aquando do *coming out* correlaciona-se positivamente com pelo menos uma das disposições da personalidade associadas ao desajustamento psicológico.

Hipótese 4: A perceção de níveis elevados de rejeição maternal aquando do *coming out* correlaciona-se positivamente com pelo menos uma das disposições da personalidade associadas ao desajustamento psicológico.

Tendo em consideração o teste de correlação de Pearson verificamos que não existe uma associação entre a perceção da rejeição paternal e as disposições da personalidade associadas ao desajustamento psicológico. Assim, considerando estes resultados podemos indicar que os comportamentos negativos percecionados pelos/as homossexuais, lésbicas e bissexuais no que toca à figura paternal aquando da descoberta da orientação sexual, não manifestará um impacto significativo no desajustamento psicológico dos mesmos. Desta forma, depreende-se que os dados não corroboram com a hipótese 3 formulada.

Por outro lado, quando o enfoque é a figura maternal, verifica-se uma correlação forte entre a rejeição à notícia da orientação sexual e quatro das sete disposições da personalidade. Consequentemente, pode-se depreender que os comportamentos negativos percecionados pelos sujeitos não-heterossexuais no que respeita à figura maternal aquando do *coming out*, apresentam um impacto significativo na autoestima, na auto-adequação, na não-responsividade emocional e na instabilidade emocional. Salienta-se a baixa autoestima e a auto-adequação negativa que obtiveram os valores correlacionais mais elevados. Assim sendo, a perceção da rejeição por parte da mãe neste período de vida dos indivíduos pode conduzir os mesmos a experienciar, no futuro, sensações severas de desvalorização, desaprovação pessoal e sentimentos de incapacidade para realizar tarefas inerentes à vida pessoal quotidiana e ao enquadramento social, contribuindo ambas para a sensação de fracasso e de inutilidade (Rohner, 1986; Munaf, Huassain & Kamrani, 2012).

Apesar de não existir uma correlação tão forte como nos setores anteriormente citados, a rejeição maternal da orientação sexual pode também acarretar consequências futuras a nível da não-responsividade e da instabilidade emocional. Desta forma estão inerentes os problemas em manter um estado de humor equilibrado ao longo do dia,

incapacidade em suplantar e lidar adaptativamente com as exigências diárias e dificuldades no que concerne à assertividade ou seja, à capacidade em demonstrar os sentimentos vivenciados (Rohner, 1986; Munaf, Huassain & Kamrani, 2012). Embora se tenha verificado uma ausência de associação com as dimensões relativas à hostilidade/agressividade, dependência afetiva e visão negativa do mundo, poder-se-á depreender que a reação materna neste quadrante tem um impacto significativo no desajustamento psicológico de homossexuais, lésbicas e bissexuais. Além disso, como quatro disposições da personalidade correlacionam-se positivamente com a percepção da rejeição ao *coming out*, os dados corroboram com a hipótese 4.

Por conseguinte, deteta-se algumas semelhanças com a biografia apesar da maioria dos estudos não fazerem distinção entre a vertente paterna e materna. Segundo Pachankis, Goldfried & Ramrattan (2010), as experiências de rejeição da orientação sexual, principalmente quando manifestadas pelas figuras parentais, originam graves consequências futuras. Os autores realizaram o estudo apenas com homossexuais masculinos e concluíram que, quando são vivenciadas experiências negativas neste parâmetro, existe a tendência a despoletar-se nos sujeitos uma maior sensibilidade futura à rejeição da sua orientação sexual e também uma elevada falta de assertividade. Este estudo consolida-se diretamente com os resultados obtidos principalmente na dimensão da não-responsividade emocional. Por seu lado, os estudos de D'Augelli (2006), também vão de encontro aos resultados obtidos. O autor afirma que a rejeição parental da orientação sexual se apresenta como influente no desenvolvimento de uma baixa autoestima e de diversas perturbações psicológicas. Por fim, os resultados encontrados por Peixoto (2003) apresentam-se igualmente congruentes com os do presente estudo no que toca à associação da rejeição parental com as dificuldades em lidar adaptativamente com as provações do quotidiano.

Por fim, de acordo com Rohner (1986), a percepção da rejeição parental na infância está intimamente relacionada com o desajustamento psicológico. Assim sendo, o presente estudo verificou que, aquando da descoberta da orientação sexual, é a vertente materna que apresenta um peso preponderante podendo, se rejeitante, conduzir os sujeitos ao desenvolvimento de complicações ao nível do ajustamento psicológico, mais especificamente nas áreas da autoestima, da auto-adequação, da irresponsabilidade emocional e da instabilidade emocional.

No que concerne às atitudes perante os não-heterossexuais os estudos apontam que os indivíduos do sexo masculino apresentam, regra geral, mais preconceitos (Gato & Fontaine, 2011). Além disso, tendo em conta que o *coming out* é preferencialmente efetuado a familiares do sexo feminino supõe-se que os homossexuais, as lésbicas e o bissexuais já tenham alguma preparação e noção de que os pais não vão reagir bem, pelo que estarão mais preparados/as para suportar esta eventual rejeição (Beals e Peplau, 2006). Já no que diz respeito à mãe, esta rejeição será mais surpreendente o que poderá justificar os resultados obtidos no que diz respeito às diferenças encontradas entre pai e mãe neste parâmetro.

Tendo em conta outras análises realizadas com os dados, verificou-se que existe uma correlação positiva entre os níveis percecionados de rejeição das figuras parentais. Ou seja, quando a mãe apresenta uma forte rejeição ao *coming out*, o pai tem tendência a manifestar um valor de rejeição semelhante. Esta situação poderá explicar-se pelo facto de a família ser a primordial responsável pela transmissão de valores e regras aos novos membros. Como tal, frequentemente as crenças, os estereótipos e também os preconceitos, são partilhados pelos vários membros incluindo as figuras parentais (Dessen & Polonia, 2007; Amazonas, Damasceno, Terto & Silva, 2003).

Apesar da literatura referir que os homossexuais e os bissexuais masculinos sofrem mais efeitos do preconceito homofóbico do que as lésbicas e as bissexuais, o presente estudo não encontrou diferenças significativas, podendo-se afirmar que nesta amostra ambos os sexos experienciam índices semelhantes de aceitação/rejeição parental na infância e aquando do *coming out*. Assim sendo, as mulheres desta amostra poderão estar a experienciar os mesmos índices de rejeição que os homens devido à perceção social de quebra de valores tradicionais e de feminilidade que ainda se associam às mulheres (Kite & Whitley, 1996 citados em Baltezore, 2006). Além do mais, as mulheres lésbicas e bissexuais também são afetadas pela dita heterossexualidade compulsória que estabelece para a mulher um papel social rígido de necessidade de inclusão num modelo masculino que a ampare (Butler, 1990).

Embora estes não tenham sido os resultados deste trabalho, seria de esperar que os/as bissexuais percecionassem valores inferiores de rejeição parental ao *coming out* do que os homossexuais e as lésbicas dado que para estes existe uma possibilidade maior virem a estabelecer uma relação de longa duração com um indivíduo do sexo oposto, tal como o desejado por muitos pais e mães que buscam uma vida normativa para os

Amor Parental (In)Condicional:

Estudo sobre a Influência da Percepção da Aceitação/Rejeição Parental em Homossexuais, Lésbicas e Bissexuais

filhos/as. Contudo, de acordo com os resultados da amostra, bissexuais e homossexuais experienciam índices semelhantes de aceitação/rejeição parental aquando do *coming out*. Este acontecimento pode ser devido ao facto de em ambas as situações os pais e mães temerem pela integridade dos/as filhos/as numa sociedade que, por norma, rejeita a diferença. Além disso segundo os estudos de Beeler e DiProva (1999, citados em Baltezare, 2006) os pais alegam frequentemente sentirem-se assutados/as com a possibilidade de infeções sexualmente transmissíveis e com a perda de valores inerentes à família embora não existam provas empíricas atualmente a relacionar estes fatores com as questões da orientação sexual.

Por fim, Cramer e Roach (1988 citados em Willoughby, Malik, Lindahl, 2006) afirmam que a homofobia, a lesbofobia e a bifobia, comumente estão relacionadas com uma reduzida educação. Contudo, este estudo não deteta nenhuma correlação estatisticamente significativa entre as habilitações literárias dos pais e das mães e as reações ao *coming out* podendo-se supor que no caso da presente amostra, os índices de rejeição estejam associados a outros fatores também referidos pelos mesmos autores como a religiosidade e o heterossexismo.

Parte III - Conclusão

O presente estudo procurou verificar de que forma a percepção da aceitação/rejeição parental ao *coming out* se relaciona com as disposições da personalidade associadas ao desajustamento psicológico segundo a *PARTheory* de Rohner (1986). Também se pretendia averiguar se existia uma relação entre a aceitação/rejeição parental na infância com a aceitação/rejeição da orientação sexual.

Na generalidade, a base principal de suporte dos indivíduos é a família e principalmente os/as pais/mães, contudo no que toca aos/às homossexuais e bissexuais, por vezes, esta não é a verdade. A partir dos resultados obtidos, foi possível concluir-se que a percepção de níveis elevados de rejeição durante a infância está relacionada com níveis igualmente altos de rejeição parental aquando do *coming out* ou da descoberta da orientação sexual. Esta situação tem a possibilidade de contribuir para sensações de culpa e isolamento social comumente experienciadas por esta comunidade no decorrer de uma longa parte do seu ciclo vital. De acordo com estudos realizados anteriormente por diversos autores, sabe-se que estas fragilidades podem eventualmente conduzir os sujeitos ao abuso de substâncias e ao desenvolvimento de perturbações como a depressão. (Rodrigues, 2010; Espelage, Aragon, Brikett & Koenig, 2008; Ryan, Huebner, Diaz, & Sanchez, 2009). Além disso, é importante ter em consideração que os/as jovens não-heterossexuais são duas a três vezes mais propícios a cometerem o suicídio que os/as heterossexuais, devido ao desespero e ao isolamento extremo que por vezes experienciam (Espelage, Aragon, Brikett & Koenig, 2008; Ryan, Huebner, Diaz, & Sanchez, 2009). Assim, por todas as razões referidas é importante preparar sistemas de prevenção para esta comunidade podendo os profissionais da psicologia ter um importante papel a desempenhar nomeadamente na intervenção e na educação de crianças, adolescentes e encarregados/as de educação sobre as questões LGBT, no sentido da desconstrução de mitos e preconceitos. Ações de sensibilizações e informação em escolas e outras instituições bem como discussão objetiva e científica do assunto nos meios de comunicação poderão também ser importantes mecanismos de destruição de mitos, transmitindo simultaneamente à comunidade LGBT uma mensagem de suporte e aceitação.

Neste estudo verificou-se igualmente que apesar da atitude rejeitante da figura paternal perante a orientação sexual dos/as filhos não ter influência nas disposições da

Amor Parental (In)Condicional:

Estudo sobre a Influência da Percepção da Aceitação/Rejeição Parental em Homossexuais, Lésbicas e Bissexuais

personalidade destes, a rejeição maternal na mesma situação acarreta graves consequências que eventualmente poderão fomentar o desajustamento psicológico dos não-heterossexuais dado que conduz à baixa autoestima, à auto adequação negativa, à não-responsividade emocional e à instabilidade emocional. Assim, identifica-se na mãe uma figura com um valor decisivo que pode ter um impacto forte na vida e nas vivências destes indivíduos consoante a forma com que lida com a descoberta da orientação sexual dos mesmos.

O estudo apesar do seu caráter inovador, apresenta algumas limitações. Primeiramente a amostra não é suficientemente grande para ser representativa da população. Além disso, o estudo deixa de fora todas as situações em que os sujeitos não foram criados por uma família tradicional com um pai e uma mãe. Também excluídos/as do estudo foram todos/os os que afirmaram que o pai e/ou a mãe ainda não tinham conhecimento da sua orientação sexual. Estas decisões foram, no entanto, tomadas de forma a tornar mais fidedignas as correlações efetuadas.

Espera-se que o estudo contribua para melhor compreender a influência que as figuras parentais desempenham nos indivíduos em questão, sendo que a partir dos resultados obtidos se pode fazer algumas sugestões para investigações futuras. Efetivamente seria interessante verificar que outras consequências a rejeição da orientação sexual por parte das figuras parentais pode ter a nível da personalidade dos indivíduos e no desenvolvimento de perturbações mentais. Seria igualmente importante verificar a mesma situação mas tendo em conta a naturalidade dos pais, visando perceber se no meio citadino a aceitação/rejeição ao *coming out* se manifesta de forma diferente do que nos contextos mais rurais.

Referências

- Adams H. E., Wright L. W. & Lohr B. A. (1996). Is Homophobia Associated With Homosexual Arousal?. *Journal of Abnormal Psychology*, 105(3), 440-445. Retirado de http://my.psychologytoday.com/files/u47/Henry_et_al.pdf
- Almeida, M. V. (2010). O Contexto LGBT em Portugal. Em: Nogueira, C., Oliveira, J., Costa, C. G., Rodrigues, L., & Pereira, M. (2010). *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da igualdade de género*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Amazonas, M. C. L. A., Damasceno, P. R., Terto, L. M. S., & Silva, R. R. (2003). Arranjos Familiares de Crianças das Camadas Populares. *Psicologia em Estudo*, 8, 11-20. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa03.pdf>
- American Psychological Association. (2008). *Answers to Your Questions: For a Better Understanding of Sexual Orientation and Homosexuality*. Washington DC. Retirado de www.apa.org/topics/orientation.pdf
- American Psychological Association (2010). *Publication Manual of the American Psychological Association*. Washington DC: American Psychological Association.
- Avila-Saavedra, G. (2009). Nothing queer about queer television: televised construction of gay masculinities. *Media, Culture & Society*, 31(1), 5-21. doi: 10.1177/0163443708098243
- Baltezore, E. L. (2006). *Perceived Parental Relationships Following Disclosure of Sexual Orientation by Lesbian, Gay, and Bisexual Offspring* (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Faculty of Humboldt State University.
- Beals, K. P., & Peplau, L. A. (2006). Disclosure Patterns Within Social Networks of Gay Men and Lesbians. *Journal of Homosexuality*, 51(2), 101-120. doi: 10.1300/J082v51n02_06
- Belkin, A. (2003). Don't Ask, Don't Tell: Is the Gay Ban Based on Military Necessity? *Parameters*, 109-119. Retirado de <http://escholarship.org/uc/item/0bb4j7ss#page-12>
- Bérubé, A., D'Emilio, J., & Freedman, E. B. (1990). *Coming Out Under Fire: The History of Gay Men and Women in World War II*. United States of America: The University of North Carolina Press.

- Biblarz, T. J., & Savci, E. (2010). Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Families. *Journal of Marriage and Family* 72, 480-497. doi: 10.1111/j.1741-3737.2010.00714.x
- Boden, E. H. (2011). The Enemy Within: Homosexuality in the Third Reich, 1933-1945. *Constructing the Past*, 12(1). Retirado de <http://digitalcommons.iwu.edu/constructing/vol12/iss1/4/>
- Booth, C. L., Rubin, K. H., & Rose-Krasnor, L. (1998). Perceptions of Emotional Support from Mother and Friend in Middle Childhood: Links with Social-Emotional Adaptation and Preschool Attachment Security. *Child Development*, 69 (2), 427-442. doi: 10.1111/j.1467-8624.1998.tb06200.x
- Bos, H. M. W., Van Balen, F., & Van Den Boom, D. C. (2007). Child Adjustment and Parenting in Planned Lesbian-Parent Families. *American Journal of Orthopsychiatry*, 77(1), 38-48. doi: 10.1037/0002-9432.77.1.38
- Braum, V., & Clarke, V. (2009). Coming out and negotiating heteronormativity in higher education. *Lesbian & Gay Psychology Review*, 10(1), 3-7. Retirado de http://eprints.uwe.ac.uk/11663/2/Braun_and_Clarke_Lesbian_%26_Gay_Psychology_Review.pdf
- Butler, J. (1990). *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge.
- Conejero, J. S., & Almonte, C. V. (2009). Desarrollo de la orientación sexual en adolescentes de 16 a 18 años de ambos sexos de Santiago de Chile. *Revista chilena de neuro-psiquiatría*, 47(3), 201-208. doi: 10.4067/S0717-92272009000300004
- Crompton, L. (2003). *Homosexuality and Civilization*. New York: The Belknap Press of Harvard University Press
- D'Augelli, A. R. (2006). Developmental and Contextual Factors and Mental Health Among Lesbian, Gay, and Bisexual Youths. *American Psychological Association*. 17, doi: 10.1037/11261-002
- Dank, B. (1971). Coming out in the gay world. *Psychiatry*, 34, 60-77. Retirado de http://www.williamapercy.com/wiki/images/Coming_out_in_the_gay_world.pdf
- Dessen, M. A., & Polonia, A. C. (2007). A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, 17 (36), 21-32. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>

- Dow, B. (2001). Ellen, Television, and the Politics of Gay and Lesbian Visibility. *Critical Studies in Media Communication*, 18(2), 123-140. doi: 10.1080/07393180128077
- Espelage, D. L., Aragon, S. R., Brikett, M. & Koenig, B. (2008). Homophobic Teasing, Psychological Outcomes, and Sexual Orientation Among High School Students: What Influence do Parents and Schools Have?. *School Psychology Review*, 37(2), 202-216. Retirado de http://pdf.countyofdane.com/humanservices/youth/assessment_surveys/2009/homophobic_teasing_psych_outcomes_parent_influence.pdf
- Farias, M. O. (2010). Mitos atribuídos às pessoas homossexuais e o preconceito em relação à conjugalidade homossexual e a homoparentalidade. *Revista de Psicologia da UNESP*, 9(1), 104-115. Retirado de <http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/169/211>
- Filho, D. B. F., & Júnior, J. A. S. (2009). Desvendando os Mistérios do Coeficiente de Correlação de Pearson. *Revista Política Hoje*, 18(1), 115-146. Retirado de http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CB8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.ufpe.br%2Fpolitica%2Findex.php%2Fpolitica%2Farticle%2Fdownload%2F6%2F6&ei=Zt1tUIfBJYPKhAfhqIHgBg&usg=AFQjCNHOQieMSy6_CYqKrg4gH_WtS38wGg
- Fisher, D. A., Hill, D. L., Grube, J. W., & Gruber, E. L. (2007). Gay, Lesbian, and Bisexual Content on Television: A Quantitative Analysis Across Two Season. *Journal of Homosexuality*, 52(3-4), 167-188. doi: 10.1300/J082v52n03_08
- Fisher, J. (2011). *Gender and the Science of Difference: Cultural politics of Contemporary Science and Medicine*. United States of America: Rutgers Press.
- Frankowski, B. L. (2004). Sexual Orientation and Adolescents. *Pediatrics*, 113(6), 1827-1832. Retirado de <http://pediatrics.aappublications.org/content/113/6/1827.full#ref-2>
- Frazão, P., & Rosário, R. (2008). O coming out de gays e lésbicas e as relações familiares. *Análise Psicológica*, 1(26), 25-45. Retirado de <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v26n1/v26n1a03.pdf>
- Garton, S. (2004). *Histories of sexuality*. New York: Routledge.

- Gato, J., & Fontaine, A. M. (2010). Desconstruindo Preconceitos sobre a Homoparentalidade. *LES Online*, 2(2), 14-21. Retirado de <http://ilga-portugal.pt/ficheiros/pdfs/gatoLESONline.pdf>
- Gato, J., & Fontaine, A. M. (2011). Fatores associados ao preconceito homossexual numa amostra de estudantes universitários portugueses: a influência do sexo, do contacto interpessoal com lésbicas e gays, dos valores sociais e das atitudes de género. Em: Neves, S. (2011). *Género e Ciências Sociais*. Castelo da Maia: edições ISMAI.
- Gato, J., & Leme, V. B. R., & Leme, A. A. (2010). Atitudes Relativamente à Homossexualidade em Portugal e no Brasil. *Fazendo Género 9 – Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*, 1-11. Retirado de http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277826273_ARQUIVO_AtitudesrelativamenteahomossexualidadeemPortugalenoBrasil.pdf
- Heatherington, L., & Lavner, J. A. (2008). Coming to Terms With Coming Out: Review and Recommendations for Family Systems-Focused Research. *Journal of Family Psychology*, 22(3), 329-343. doi: 10.1037/0893-3200.22.3.329
- Herek, G. M. (1990). The Context of Anti-Gay Violence: Notes on Cultural and Psychological Heterosexism. *Journal of Interpersonal Violence*, 5 (3), 316-333. doi: 10.1177/088626090005003006
- Herek, G. M. (2004). Beyond “homophobia”: Thinking about sexual prejudice and stigma in the twenty-first century. *Journal of National Sexuality Resource Center*, 1(2), 6-18. Retirado de http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1142860
- Herek, G. M. (2008). Hate Crimes and Stigma-Related Experiences Among Sexual Minority Adults in the United States. *Journal of Interpersonal Violence*, 24(1), 54-74. doi: 10.1177/0886260508316477
- Khaleque, A. & Rohner, R. (2002). Reliability of Measures Assessing the Pancultural Association between Perceived Parental Acceptance-Rejection and Psychological Adjustment: A Meta-Analysis of Cross-Cultural and IntraCultural Studies. *SAGE Publications*, Vol. 33, no. 1, 87-99. DOI: 10.1177/0022022102033001006
- Lacerda, M., Pereira, C., & Camino, L. (2002). Um Estudo sobre as Formas de Preconceito contra Homossexuais na Perspectiva das Representações Sociais.

- Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 165-178. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n1/a18v15n1.pdf>
- Leupp, G. P. (1999). *Male Colors: The Construction of Homosexuality in Tokugawa Japan*. United States of America: University of Carolina Press.
- Ludwig, P. W. (2002). *Eros and Polis: Desire and Community in Greek Political Theory*. New York: Cambridge University Press
- Manaf, S., Huassain, S., & Kamranu, F. (2012). Urdu Translation, Reliability and Validity of Personality Assessment Questionnaire-Adult Version. *International Journal of Business and Social Science*, 3(7), 121-132. Retirado de http://karachi.academia.edu/FarhanKamrani/Papers/1768063/Urdu_Translation_Reliability_and_Validity_of_Personality_Assessment_Questionnaire-Adult_Version
- Martinez, L. & Ferreira, A. (2008). *Análise de Dados com SPSS: Pimeiros Passos*. (3ª Edição). Escolar Editora: Lisboa.
- Mosmann, C. P., Lomando, E., & Wagner, A. (2010). Coesão e Adaptabilidade Conjugal em Homens e Mulheres Hetero e Homossexuais. *Barbaroi*, 33, 135-152. Retirado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/barbaroi/n33/n33a09.pdf>
- Naphy, W. (2004). *Born to be Gay: a History of Homosexuality*. Stroud: Tempus.
- Oliveira, J. (2010). Orientação Sexual e Identidade de Género na psicologia: notas para uma psicologia lésbica, gay, bissexual, trans e *queer*. Em: Nogueira, C., Almeida, M. V., Costa, C. G., Rodrigues, L., & Pereira, M. (2010). *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da igualdade de género*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Oliveira, J. (2011). Fazer e desfazer o género: performatividades, normas e epistemologias feministas. Em: Neves, S. (2011). *Género e Ciências Sociais*. Castelo da Maia: edições ISMAI.
- Oliveira, P. A. (2010). *Ajustamento pessoal e académico dos/as pré-adolescentes: impacto da aceitação versus rejeição parenteral e do suporte social percebidos* (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Pachankis, J. E., Goldfried, M. R., & Ramrattan, M. E. (2010). Extension of the Rejection Sensitivity Construct to the Interpersonal Functioning of Gay Men.

- Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 76(2), 306-317. doi: 10.1037/0022-006X.76.2.306
- Peixoto, F. J. B. (2003). *Auto-Estima, Autoconceito e Dinâmicas Relacionais em Contexto Escolar* (Dissertação de Doutorado em Psicologia). Universidade do Minho, Braga.
- Perrin, E. C. (2002). *Lesbian and Gay Youth: Care and Counseling*. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers.
- Pincemy, G., Dobson, F. S. & Jouventin, P. (2010). Homosexual Mating Displays in Penguins. *Ethology*, 116: 1210–1216. doi: 10.1111/j.1439-0310.2010.01835.x
- Poiani, A. (2010). *Animal Homosexuality: A Biosocial perspective*. United Kingdom: Cambridge University Press.
- Public Health Information fo Scotland (2010). Dimensions os Diversity: Populationd diferences and health improvement opportunities. Retirado de <http://www.healthscotland.com/documents/3988.aspx>
- Ritter, K. Y., & Tendrup, A. I. (2002). *Handbook of affirmative psychotherapy with lesbians and gay men*. New York: Guilford Press.
- Rodrigues, P. (2010). Homofobia Internalizada e Suicidalidade em Jovens LGB e não LGB. *LES Online*, 2(2), 22-24. Retirado de <http://www.lespt.org/lesonline/index.php?journal=lo&page=article&op=view&path%5B%5D=35&path%5B%5D=34>
- Rodrigues-Júnior, A. S. (2008). Homoerotismo e Tradução Cultural na Obra de Samuel Steward. *Tessituras, Interações, Convergências*. Retirado de http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/016/AD_AIL_JUNIOR.pdf
- Rohner, R. (1986). *The Warmth Dimension: Foundations of Parental Acceptance-Rejection Theory*. United States of America: Library of Congress Cataloging-in-Publication Data.
- Rohner, R.P. (2004). The Parental “Acceptance-Rejection Syndrome”: Universal Correlates of Perceived Rejection. *American Psychologist*, 59 (8) 827-840. doi: [10.1037/0003-066X.59.8.830](https://doi.org/10.1037/0003-066X.59.8.830)
- Rohner, R.P., Khaleque, A. & Cournoyer, D.E. (2005). *Parental Acceptance-Rejection Theory, Methods, Evidence, and Implications*. *Handbook for for the Study of*

- Parental Acceptance and Rejection*. 4ª Edição. Storrs: Rohner Research Publications.
- Rohner, R.P., Khaleque, A. & Cournoyer, D.E. (2011). *Parental Acceptance-Rejection Theory, Methods, Evidence, and Implications*. University of Connecticut. Retirado de http://www.cspar.uconn.edu/intro_partheory.html
- Rosario, M., Schrimshaw, E. W., & Hunter, J. (2009). Disclosure of Sexual Orientation and Subsequent Substance Use and Abuse Among Lesbian, Gay, and Bisexual Youths: Critical Role of Disclosure Reactions. *Psychol Addict Behav*, 23 (1), 175-184. doi: 10.1037/a0014284
- Ryan, C., Huebner, D., Diaz, R. M., & Sanchez, J. (2009). Family rejection as a predictor of negative health outcomes in white and Latino lesbian, gay and bisexual young adults. *Pediatrics*, 123(1), 346–352. doi: 10.1542/peds.2007-3524
- Spencer, C. (1999). *Homossexualidade: uma história*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Record.
- Stanley, L. (1992). Romantic Friendship? Some Issues in Researching Lesbian History and Biographt. *Women's History Review*, 1(2), 193-216. doi: 10.1080/0961202920010201
- Toniette, M. A. (2006). Um Breve Olhar Histórico sobre a Homossexualidade. *Revista Brasileria de Sexualidade humana*, 17(1), 41-52. Retirado de <http://www.sbrash.org.br/portal/images/stories/pdf/5-rbsh-vol17-2006-n1.pdf#page=37>
- Venâncio, J. C. (2010). *Homofobia e Consequência da (não) Assumpção da Homossexualidade: Um Estudo Sobre a Visão LGBT* (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Faculdade de Psicologia e de Ciência dos Porto, Porto.
- Weichselbaumer, D. (2003). Sexual orientation discrimination in hiring. *Labor Economics*, 10, 629-642. doi: 10.1016/S0927-5371(03)00074-5
- Willoughby, B. L. B., Malik, N. M., & Lindahl, K. M. (2007). Parental Reactions to Their Sons' Sexual Orientation Disclosures: The Roles of Family Cohesion, Adaptability, and Parenting Style. *Psychology of Men & Masculinity*, 7(1), 14-26. doi: 10.1037/1524-9220.7.1.14